



Ubuntu.
“Eu sou
porque nós
somos”

Dirk Louw

Ser por meio dos outros: o ubuntu
como cuidado e partilha

Mogobe Ramose

A importância vital do “Nós”

Dalene Swanson

Ubuntu, uma “alternativa ecopolítica” à
globalização econômica neoliberal

E mais:

>> **Eduardo Tomazine Teixeira:**
As UPPs. Uma incógnita

>> **Ricardo Bins de Napoli:**
Evolução, transumanismo e o
advento de um novo ser humano

Ubuntu. “Eu sou porque nós somos”

Dos povos originários da África, surge uma concepção ética que desafia o estilo de vida da sociedade contemporânea: o ubuntu. Para os povos de língua bantu, esse termo significa “eu sou porque nós somos”. Essa “filosofia do Nós” pensa a comunidade, em seu sentido mais pleno, como todos os seres do universo. Todos nós somos família.

Grande parte da luta contra a colonização na África e contra o apartheid, especialmente a partir das contribuições dadas pelo prêmio Nobel **Desmond Tutu**, arcebispo anglicano emérito da Cidade do Cabo, na África do Sul, encontrou sua força nessa filosofia.

A edição desta semana da **IHU On-Line**, junto com a edição 340, intitulada *Sumak Kawsay, Suma Qamaña, Teko Porã. O Bem-Viver*, busca contribuir, em parceria com escritório brasileiro da Fundação Ética Mundial no Brasil, com a reflexão sobre uma Ética Mundial a partir dos povos originários do nosso continente e dos demais povos que aqui chegaram.

Na discussão sobre o tema contribuem o filósofo e psicólogo sul-africano **Dirk Louw**, que afirma que nós somos por meio de outras pessoas, mas também por meio de todos os seres do universo; o filósofo sul-africano **Mogobe Ramose**, para quem a comunidade que nasce do ubuntu é uma “entidade dinâmica” entre os vivos, os mortos-vivos e os ainda não nascidos; a educadora sul-africana **Dalene Swanson**, que vê o ubuntu como uma “alternativa ecológica” à globalização econômica neoliberal; o teólogo norte-americano **Charles Haws**, que analisa o ubuntu como “liberdade indivisível” a partir das contribuições do arcebispo **Tutu**; o teólogo congolês e doutor em sociologia **Bas’Ilele Malomalo**, que situa o ubuntu dentro do contexto social brasileiro; e a filósofa e advogada norte-americana **Drucilla Cornell**, que reflete sobre as contribuições do ubuntu para as lutas feministas e dos grupos de direitos humanos em geral.

Publicamos ainda, nesta semana, uma entrevista com **Eduardo Tomazine Teixeira**, mestrando em Ciência Política na Universidade de Paris VIII, sobre as Unidades de Polícia Pacificadora - UPPs e com **Horácio Costa** que é organizador, juntamente, com **Berenice Bento**, **Wilton Garcia**, **Emerson Inácio** e **Wiliam Siqueira**, do livro *Retratos do Brasil Homossexual. - Fronteiras, Subjetividades e Desejos*, recentemente lançado pela Edusp.

O artigo “Televisão e interesse público”, de **Carine Prevedello**, doutoranda e pesquisadora do Grupo CEPOS, e uma entrevista com **Ricardo Bins di Napoli**, professor na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, sobre o tema Evolução e transumanismo, completam a edição.

A todas e todos, uma ótima leitura e uma excelente semana!

Expediente

IHU On-Line é a revista semanal do Instituto Humanitas Unisinos - IHU - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. ISSN 1981-8769. Diretor da **Revista IHU On-Line**: Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br). Editora executiva: Graziela Wolfart MTB 13159 (graziela@unisinos.br). Redação: Márcia Junges MTB 9447 (mjunges@unisinos.br) e Patricia Fachin MTB 13062 (prfachin@unisinos.br). Revisão: Isaque Correa (icorrea@unisinos.br). Colaboração: César Sanson, André Langer e Darli Sampaio, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR. Projeto gráfico: Bistrô de Design Ltda e Patricia Fachin. Atualização diária do site: Inácio Neutzling, Greyce Vargas (greyceellen@unisinos.br), Rafaela Kley, Cássio de Almeida e Stefanie Telles. **IHU On-Line** pode ser acessada às segundas-feiras, no site www.ihu.unisinos.br. Sua versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8h, na Unisinos. Apoio: Comunidade dos Jesuítas - Residência Conceição. Instituto Humanitas Unisinos - Diretor: Prof. Dr. Inácio Neutzling. Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br). Endereço: Av. Unisinos, 950 - São Leopoldo, RS. CEP 93022-000 E-mail: ihuonline@unisinos.br. Fone: 51 3591.1122 - ramal 4128. E-mail do IHU: humanitas@unisinos.br - ramal 4121.



LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA



Ministério
da Cultura



Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

A. Tema de capa

» Entrevistas

PÁGINA 05 | Dirk Louw: Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha

PÁGINA 08 | Mogobe Ramose: A importância vital do “Nós”

PÁGINA 11 | Dalene Swanson: Ubuntu, uma “alternativa ecológica” à globalização econômica neoliberal

PÁGINA 13 | Charles Haws: “O ubuntu é ‘liberdade indivisível’”

PÁGINA 16 | Bas’Ilele Malomalo: “Eu só existo porque nós existimos”: a ética Ubuntu

PÁGINA 18 | Drucilla Cornell: As relações entre o “eu” e o “outro”: o ubuntu como prática ética da singularidade

B. Destaques da semana

» Entrevista da Semana

PÁGINA 21 | Eduardo Tomazine Teixeira: As UPPs. Uma incógnita

PÁGINA 21 | Ricardo Bins di Napoli: Evolução e transumanismo: o advento de um novo ser humano?

» Livro da Semana

PÁGINA 25 | Horácio Costa: Estamos no começo de um longo caminho a percorrer

» Coluna do Cepos

PÁGINA 30 | Carine Prevedello: Televisão e interesse público

» Destaques On-Line

PÁGINA 32 | Destaques On-Line

C. IHU em Revista

» IHU Repórter

PÁGINA 36 | Rosane Martins da Rocha

A.

Tema de Capa

Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha

Para o *ethos* do ubuntu, uma pessoa não só é uma pessoa por meio de outras pessoas, mas também por meio de todos os seres do universo. Cuidar “do outro”, portanto, também implica o cuidado para com a natureza (o meio ambiente) e os seres não humanos, afirma o filósofo e psicólogo sul-africano Dirk Louw

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

Não apenas ser porque tu és, mas também ser por meio de ti: essa é, em resumo, a ética ubuntu, segundo Dirk Louw, psicólogo e filósofo da África do Sul. Por isso, afirma, “ser humano significa ser por meio de outros”, sejam estes vivos ou mortos, humanos ou não.

Em um sentido mais geral, ubuntu também “significa simplesmente compaixão, calor humano, compreensão, respeito, cuidado, partilha, humanitarismo ou, em uma só palavra, amor”, explica Louw, nesta entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

Por isso, para Louw, os recentes episódios políticos da sociedade sul-africana, como a superação do apartheid, foi primordialmente “o resultado do surgimento de um ethos de solidariedade, um compromisso com a coexistência pacífica entre sul-africanos comuns a despeito de suas diferenças”.

Louw indica ainda que “o ubuntu é resilientemente religioso”, já que “não só os vivos devem compartilhar e cuidar uns dos outros, mas os vivos e os mortos dependem uns dos outros”. Nesse sentido, afirma, “o conceito africano de comunidade inclui toda a humanidade. Todos nós (isto é, os vivos e os mortos-vivos ou ancestrais) somos família”. E não só: por ter nascido em um pensamento holístico como o africano, o ethos do ubuntu afirma que uma pessoa não só é uma pessoa por meio de outras pessoas, mas também é uma pessoa por meio de todos os seres do universo, incluindo a natureza e os seres não humanos, explica Louw.

Dirk J. Louw é psicólogo clínico da província de Limpopo e ex-professor de filosofia da University of the North, na África do Sul. Estudou na Universidade de Utrecht, na Holanda, na Universidade da África do Sul e na Stellenbosch University, também na África do Sul. É pesquisador da Universidade de Joanesburgo e do Centro de Ética Aplicada da Stellenbosch University e membro do Institute of Transpersonal Psychology. É membro fundador da South African Philosopher Consultants Association, ex-membro do comitê executivo da Sociedade Filosófica da África do Sul e ex-editor do South African Journal of Philosophy. Entre suas publicações, destacamos seu livro *Ubuntu and the Challenges of Multiculturalism in Post-apartheid South Africa* (Center for Southern Africa, Utrecht University, 2001) e seu artigo *Ubuntu: An African Assessment of the Religious Other*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que significa ubuntu? Quais são as noções centrais para essa filosofia e estilo de vida?

Dirk Louw - O sentido de ubuntu está resumido no tradicional aforismo africano “*umuntu ngumuntu ngabantu*” (na versão zulu desse aforismo), que significa: “Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”, ou “eu sou porque nós somos”. Ser humano significa ser por meio de outros. Qualquer outra forma de ser seria “desumana” no duplo sentido da palavra, isto é, “não humano” e “desrespeitoso

ou até cruel para com os outros”. Essa é, grosso modo, a forma como a ética ubuntu africana descreve e também prescreve o ser humano.

Em um sentido estritamente tradicional ou, se se preferir, religioso, ubuntu significa que só nos tornamos uma pessoa ao ser introduzidos ou iniciados em uma tribo ou em um clã específicos. Nesse sentido, “tornar-se uma pessoa por meio de outras pessoas” implica em passar por vários estágios, cerimônias e rituais de iniciação prescritos pela comunidade.

Entretanto, em um sentido comum ou, se se preferir, secular, ubuntu significa simplesmente compaixão, calor humano, compreensão, respeito, cuidado, partilha, humanitarismo ou, em uma só palavra, amor.

IHU On-Line - Como o ubuntu se relaciona com a história e a cultura africanas? Quais são as suas fontes?

Dirk Louw - As questões referentes às fontes do ubuntu e à sua relação com a história e a cultura africanas são controversas. Alguns pesquisadores sustentam

que o ubuntu tem sido comunicado por meio de histórias de geração a geração desde tempos imemoriais, e que as articulações africanas dos valores do cuidado e da partilha são muito mais antigas do que suas articulações ocidentais - ou até que as articulações ocidentais têm suas raízes nas articulações africanas. Outros pesquisadores parecem sugerir que o ubuntu não passa de uma cortina de fumaça autofabricada para as atrocidades cometidas por africanos no passado e no presente.

Então, o ubuntu existe? Os africanos de fato seguem o ubuntu? Essa pergunta merece mais atenção do que é possível aqui. Entretanto, ao menos quatro observações parecem apropriadas. Em primeiro lugar, afirmar que o ubuntu existe não significa necessariamente sustentar que a compaixão que ele expressa prevalece ou prevaleceu sempre e em toda parte nas sociedades africanas. É claro que não prevaleceu nem prevalece. Contudo, depois que se conseguir olhar para além das manchetes populares, podem-se detectar os mais anônimos atos de compaixão entre os africanos. Para citar apenas um exemplo: a transição relativamente não violenta da sociedade sul-africana, que passou de um Estado totalitário para uma democracia multipartidária, não foi meramente o resultado das negociações transigentes de políticos. Ela foi também - e talvez primordialmente - o resultado do surgimento de um *ethos* de solidariedade, um compromisso com a coexistência pacífica entre sul-africanos comuns a despeito de suas diferenças.

Em segundo lugar, embora talvez se duvide da existência do ubuntu como uma realidade plenamente vivida, dificilmente se pode negar a sua existência como um conceito, narrativa ou mito proeminente na África e certamente no sul da África. Chamar a ética ubuntu de "mito" não significa negar sua "verdade factual" - embora o termo seja muitas vezes usado neste sentido. A palavra "mito", da forma como é usada aqui, descreve a ética ubuntu como uma história duradoura que - independentemente de sua "verdade factual" - inspira moralmente e revela o sentido (isto é, a relevância ou importância) da vida para as pessoas que participam dela, ou seja, que contribuem para

“A pessoa que devemos nos tornar ‘por meio de outras pessoas’ é, em última análise, um ancestral. E, da mesma forma, essas ‘outras pessoas’ incluem os ancestrais”

contá-la e recontá-la.

Em terceiro lugar (ou formulando as duas primeiras observações de forma diferente), antes de começar a negar ou afirmar a existência de algo, seria de bom alvitre se envolver em análises conceituais relevantes. O que exatamente está sendo negado ou reafirmado? Neste caso: o que exatamente se quer dizer com “ubuntu” ou “existe”? Finalmente, mesmo afirmando a existência do ubuntu, deve-se cuidar para não exagerar a influência normativa da ética africana tradicional nas comunidades africanas.

IHU On-Line - Qual a relação entre o ubuntu e a religião? Como a ética ubuntu pode ajudar a melhor desenvolver um verdadeiro diálogo inter-religioso?

Dirk Louw - O ubuntu é resilientemente religioso. Para um ocidental, a máxima “Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas” não tem conotações religiosas óbvias. Ele provavelmente a interpretará apenas como um apelo geral para tratar as outras pessoas com respeito e decência.

Na tradição africana, entretanto, essa máxima tem um sentido profundamente religioso. A pessoa que devemos nos tornar “por meio de outras pessoas” é, em última análise, um ancestral. E, da mesma forma, essas “outras pessoas” incluem os ancestrais. Os ancestrais são a família extensa. Morrer é um último voltar para casa. Por conseguinte, não só os vivos devem compartilhar e cuidar uns dos outros, mas os vivos e os mortos de-

pendem uns dos outros.

A ética ubuntu ajuda a melhor desenvolver um diálogo inter-religioso verdadeiro condensando precondições vitais para esse diálogo. Essas precondições incluem um respeito pela religiosidade, individualidade, particularidade e historicidade ou natureza processual dos outros, assim como a valorização do consenso ou do acordo.

IHU On-Line - O que o ethos do ubuntu tem a ensinar às outras tradições, culturas e religiões não africanas? Que aspectos o ubuntu pode ajudar a aprimorar na ética ocidental?

Dirk Louw - Permita-me reformular ligeiramente essas perguntas: o *ethos* do ubuntu é unicamente africano? O ubuntu só faz parte da herança cultural africana? Seria etnocêntrico e absurdo sugerir que a ética ubuntu de cuidado e partilha é unicamente africana. Afinal de contas, os valores que o ubuntu procura promover também podem ser identificados em várias filosofias da Eurásia. Isso não significa negar a intensidade com que esses valores são expressos pelos africanos. Mas o mero fato de serem expressos intensamente por africanos não torna, por si só, esses valores exclusivamente africanos.

Entretanto, embora a compaixão, o calor humano, a compreensão, o cuidado, a partilha, o humanitarismo etc. sejam sublinhados por todas as principais cosmovisões, ideologias e religiões do mundo, eu gostaria, no entanto, de sugerir que o ubuntu atua como uma justificação distintivamente africana dessas formas de se relacionar com os outros. O conceito de ubuntu dá um sentido distintivamente africano e uma razão ou motivação distintivamente africanas para uma atitude amorosa para com o outro.

O que, então, o *ethos* do ubuntu tem a “ensinar” às tradições, culturas e religiões não africanas (incluindo as ocidentais)? Ele pode servir como um importante incentivo para reavaliar o “ser por meio de outros” em tradições, culturas e religiões não africanas, para reenfatizar os imperativos do cuidado e da partilha com os outros.

IHU On-Line - Qual a importância da

comunidade e da família para a ética ubuntu?

Dirk Louw - É lógico que a comunidade/família é muito importante para a ética ubuntu. Afinal, o ubuntu significa “ser por meio de outros”. Mas o que exatamente “a comunidade/família” significa nesse contexto? Espera-se que uma ética da compaixão seja inclusiva, e não exclusiva, isto é, que ela inclua, e não exclua; que abra espaço, e não aliene. Mas quão inclusiva é a comunidade que o ubuntu descreve e prescreve? Às vezes, é difícil evitar a impressão de que o ubuntu não pretende ser exatamente uma “lei universal do amor”. Por exemplo: o sentido dos ritos de iniciação em sociedades africanas tradicionais parece implicar que o ubuntu funcionava (e ainda funciona) como uma ética vinculativa *exclusivamente* dentro dos limites de um clã específico. Essa compreensão exclusiva da comunidade que é o ubuntu combina com o óbvio potencial do ubuntu de desencadear conflitos étnicos. Ela (ou uma versão dela) também parece constituir a base da forma pela qual alguns negros sul-africanos tendem a ver o ubuntu como “a” diferença definitiva entre eles próprios como africanos e os não africanos (incluindo as chamadas “pessoas de cor”, asiáticos e brancos).

Ser membro da comunidade que é o ubuntu não parece, portanto, ser fácil para os não africanos ou, ao menos, para os africanos não negros. Os defensores do ubuntu parecem estar divididos no tocante a isso. Em termos gerais, todos eles enfatizam sua inclusividade. Entretanto, alguns proponentes do ubuntu dão a impressão de que, embora a comunidade que é o ubuntu transcenda os limites de um clã específico, ela só inclui aqueles cujas origens estão na África. Outros salientam que a comunidade que é o ubuntu também inclui “estranhos”, isto é, pessoas que não estão relacionadas por sangue, parentesco ou casamento. Por fim, para alguns autores, o conceito africano de comunidade, em seu mais pleno sentido, inclui toda a humanidade. Todos nós (isto é, os vivos e os mortos-vivos ou ancestrais) somos família - ninguém está excluído.

IHU On-Line - O senhor afirma que

“O conceito africano de comunidade, em seu mais pleno sentido, inclui toda a humanidade. Todos nós somos família - ninguém está excluído”

“a ênfase do ubuntu sobre o respeito pela particularidade é vital para a sobrevivência da África do Sul pós-apartheid”. Nesse sentido, que aspectos o ubuntu ajudou a forjar na sociedade e política sul-africanas? O que poderia ser ainda aprimorado?

Dirk Louw - O desafio da sociedade e da política da África do Sul é o desafio de afirmar a unidade ao mesmo tempo em que valoriza a diversidade, isto é, de forjar a unidade na diversidade e, igualmente, a diversidade na unidade. O ubuntu ajudou a forjar a unidade na diversidade por meio de sua ênfase na comunidade, expressada por palavras como *simunye* (“nós somos um”, isto é, “unidade é força”) e slogans como “um dano causado a um é um dano causado a todos”.

Ele também forjou a diversidade na unidade através de reavaliações criativas desse conceito, que acenam a importância da alteridade no *ethos* do ubuntu. Essas reavaliações operam com conceitos de consenso ou de solidariedade que condizem com um regime democrático em comunidades políticas africanas. Talvez seja necessário trabalhar mais nesse sentido. Uma compreensão emancipatória da democracia ubuntu (democracia comunitária) poderá, por exemplo, exigir que os indivíduos recebam tanta oportunidade quanto possível para fazer mudanças e decidir por si mesmos como são governados.

IHU On-Line - O ubuntu também está relacionado ao respeito pela particularidade do outro e ao respeito pela individualidade. Assim, como o ubuntu vê a noção de “outro”?

Em um mundo globalizado, o que o ubuntu pode oferecer para que se ultrapassem as diferenças culturais, políticas, econômicas e religiosas entre os povos?

Dirk Louw - É importante que ninguém seja um estranho em termos do suposto alcance da comunidade que é o ubuntu, dado o potencial do ubuntu para degenerar em um comunitarismo totalitário - isto é, dada a sua tendência de excluir, e não de incluir, como se esperaria de uma ética do cuidado e da partilha. Como uma ética excludente, um ubuntu desvirtuado representa a fortificação e a preservação de uma identidade dada por meio da limitação e da segregação. Nos termos dessa ética, o slogan *simunye* (“nós somos um”) sinaliza, ironicamente, a pureza de classe, cultura ou etnia; racismo e xenofobia - um fenômeno com o qual os (sul) africanos estão por demais familiarizados.

O verdadeiro ubuntu se opõe a tendências totalitárias levando a pluralidade a sério. Ao mesmo tempo em que constitui o “ser pessoa” por meio de outras pessoas, ele valoriza o fato de que “outras pessoas” sejam assim chamadas, justamente porque, em última análise, nunca podemos “ficar inteiramente na pele delas” ou “enxergar completamente o mundo através de seus olhos”. Portanto, quando o “ubuntuísta” lê “solidariedade” e “consenso”, ele também lê “alteridade”, “autonomia” e “cooperação” (observe: não “cooptação”).

IHU On-Line - Como o *ethos* do ubuntu compreende a nossa relação com a natureza e a proteção das vidas não humanas?

Dirk Louw - O pensamento africano é holístico. Como tal, ele reconhece a íntima interconectividade e, mais precisamente, a interdependência de tudo. De acordo com o *ethos* do ubuntu, uma pessoa não só é uma pessoa por meio de outras pessoas (isto é, da comunidade em sentido abrangente: os demais seres humanos assim como os ancestrais), mas uma pessoa é uma pessoa por meio de *todos os seres* do universo, incluindo a natureza e os seres não humanos. Cuidar “do outro” (e, com isso, de si mesmo), portanto, também implica o cuidado para com a natureza (o meio ambiente) e os seres não humanos.

A importância vital do “Nós”

Segundo o filósofo sul-africano Mogobe Ramose, para a filosofia ubuntu, “a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo” e por isso tem a primazia sobre este. Essa comunidade, explica, é uma “entidade dinâmica” entre três esferas: a dos vivos, a dos mortos-vivos e a dos ainda não nascidos

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

Se o ubuntu pode ser compreendido como uma ontologia, uma epistemologia e uma ética, sua noção mais fundamental é “a filosofia do ‘Nós’”, segundo o filósofo sul-africano Mogobe Bernard Ramose. Em termos coletivos, o ubuntu se manifesta nos princípios da partilha, da preocupação e do cuidado mútuos, assim como da solidariedade.

Por isso, Ramose, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, explicou que, na filosofia ubuntu, “a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo. Com base nisso, a primazia é atribuída à comunidade, e não ao indivíduo”. Essa comunidade é definida como uma “entidade dinâmica” entre três esferas: a dos vivos, a dos mortos-vivos (“ancestrais”) e a dos ainda não nascidos.

Entretanto, afirma, dentro desse contexto, o indivíduo não perde sua identidade pessoal e sua autonomia. “A luta contra a colonização na África se baseia justamente no reconhecimento da autonomia individual. No caso da colonização, essa luta se manifesta como um povo que defende e reafirma seu direito como grupo à autonomia ou à liberdade”, explica.

Segundo Ramose, sua luta atual é que o ubuntu tenha uma “presença real e visível” na Constituição sul-africana, a exemplo do que aconteceu no Equador e na Bolívia com relação aos princípios do *sumak kawsa*. Nesse sentido, para outras culturas, o ubuntu pode “ênfatizar a importância vital de levar o ‘Nós’ a sério”. Ou seja, na prática, um diálogo entre culturas e tradições para uma melhor compreensão mútua e a defesa da vida humana.

Mogobe Bernard Ramose é professor de filosofia da Universidade da África do Sul - Unisa e diretor do Centro de Aprendizagem Regional da Unisa, em Adis Abeba, na Etiópia. Doutor em filosofia pela Katholieke Universiteit Leuven, da Bélgica, desenvolve sua pesquisa nos campos da filosofia africana e da filosofia da política, direito e relações internacionais. Trabalhou na Universidade do Zimbábue e de Venda, na África, assim como na Tilburgh University, na Holanda. É autor, dentre outros, de *African philosophy through ubuntu* (Mond Books, 1999). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é o significado de ubuntu?

Mogobe Ramose - Ubuntu é um termo que se encontra em várias línguas banto. Trata-se de duas palavras em uma, a saber: “ubu” e “ntu” no grupo nguni de línguas; *botho*, “bo” e “tho”, no grupo sotho de línguas; e *hunhu*, “hu” e “nhu” em xona.

É um conceito filosófico no sentido comum da filosofia como amor à sabedoria. Mas é também um conceito filosófico no sentido estreito da filosofia como disciplina acadêmica. Nesta úl-

tima acepção, o ubuntu tem três sentidos inter-relacionados básicos: como uma 1) ontologia, 2) epistemologia e 3) ética.

IHU On-Line - Quais são as origens culturais e históricas do ubuntu?

Mogobe Ramose - A linguagem e o pensamento andam de mãos dadas. O pensamento é o instrumento para o cultivo e a construção da cultura. Assim, a linguagem - na acepção ampla de fala, ação e escrita - é a fonte do ubuntu. É comum pensar que as cultu-

ras da África indígena ao sul do deserto do Saara são principalmente orais, isto é, desprovidas de escrita. Mas essa concepção é questionável, porque tem uma acepção restrita do significado da escrita e também porque não se aplica à totalidade da África subsaariana, já que a Etiópia, por exemplo, tem sua própria língua escrita, o amárico. A persistência dessa concepção questionável tornou a “tradição oral” como uma das fontes da filosofia ubuntu. Através do veículo da “tradição oral”, a cultura ubuntu e a história dos po-

vos de língua banto continuam sendo transmitidas de uma geração a outra.

É importante lembrar que o nome “África” não foi dado ao continente pelos povos indígenas que vivem nele desde tempos imemoriais. É como um nome de batismo imposto aos povos do Norte do continente primeiro pelos antigos gregos e romanos e, subsequentemente, a todo o continente pelos colonizadores. A divisão da África em duas partes com base no deserto do Saara também é uma imposição. Por conseguinte, é crucial reconhecer que quem nomeia ou batiza faz isso a partir de uma posição de poder. A partir disso, não surpreende constatar que alguns intelectuais indígenas do continente rejeitam o nome “África” como uma forma de expressar resistência ao poder do nomeador que nomeia.

IHU On-Line - Quais são os conceitos centrais envolvidos na ética e na filosofia ubuntu?

Mogobe Ramose - É muito importante notar que, de acordo com a ontologia do ubuntu, *be-ing* [em inglês, o verbo “ser”], diferentemente de *being* [o substantivo “ser”], não tem um centro. Assim falamos das noções duradouras que até agora têm sido as marcas de autenticidade do ubuntu. A noção fundamental da epistemologia e ética ubuntu é - tomando o termo emprestado de Tshiamalenga¹ - a filosofia do “Nós”. Nos termos dessa filosofia, os princípios da partilha, da preocupação e do cuidado mútuos, assim como da solidariedade, constituem coletivamente a ética do ubuntu.

IHU On-Line - Qual a relação existente entre a ética ubuntu e a noção africana de comunidade, autonomia e colonização?

Mogobe Ramose - A noção de comunidade na filosofia ubuntu provém da premissa ontológica de que a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo. Com base nisso, a primazia é atribuída à comunidade, e não ao indivíduo. Entretanto, disso

¹ Ignace-Marcel Tshiamalenga Ntumba (1932-): teólogo e sacerdote nascido no Zaire. É doutor em Teologia pela Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, e em Filosofia pela Universidade de Frankfurt, Alemanha. Desde 1971, é professor de Filosofia na Universidade de Kinshasa. (Nota da IHU On-Line).

“A noção de comunidade na filosofia ubuntu provém da premissa ontológica de que a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo”

não se segue que o indivíduo perca a identidade pessoal e a autonomia. O indivíduo é considerado autônomo e, portanto, responsável por suas ações. De outra forma, toda a teoria e a prática do *lekgotla* - um fórum para a resolução de disputas entre indivíduos, assim como entre o indivíduo e a comunidade - não teriam sentido justamente porque a pressuposição da autonomia individual não se aplicaria.

A luta contra a colonização na África se baseia justamente no reconhecimento da autonomia individual. No caso da colonização, essa luta se manifesta como um povo que defende e reafirma seu direito como grupo à autonomia ou à liberdade.

IHU On-Line - Em que aspectos o ubuntu ajudou a forjar a sociedade e a política da África do Sul? Nesse sentido, em sua opinião, que pontos ainda precisam ser mais desenvolvidos?

Mogobe Ramose - A primeira fase da transição para a “nova” África do Sul foi parcialmente impulsionada pelo ubuntu na medida em que esse conceito foi usado para dar sentido à constituição interina de 1993. Ironicamente, mas por razões bastante táticas, o ubuntu está completamente ausente da Constituição final de 1996.

Apesar disso, o ubuntu foi usado, de maneira bastante discutível, para justificar a abolição da pena de morte e para dar credibilidade ao projeto Verdade e Reconciliação². No tocante a este último projeto, alguns clérigos cristãos assumiram a vanguarda na

² Projeto Verdade e Reconciliação: formado para investigar os abusos da era do apartheid, na África do Sul. (Nota da IHU On-Line)

justificação da Comissão da Verdade e Reconciliação a partir da base teológica de que o “Deus” cristão endossou a reconciliação ao assumir a carne humana (a encarnação) como meio e método para restaurar a relação rompida entre “Deus” e Adão e Eva, alienados por causa da queda.

O problema dessa justificação é que o mesmo “Deus” até agora não tem disposição nem capacidade para restaurar a relação rompida entre Ele e Lúcifer, que O ofendeu com o pecado da soberba. Mesmo sem esse questionamento da justificação teológica da reconciliação, fato é que a sociedade sul-africana contemporânea continua em grande parte irreconciliada, na medida em que o abismo entre ricos e pobres aumenta, e os pobres se aprofundam em um abissal buraco negro. Há um imperativo ético de se corrigir isso urgentemente. O ubuntu pode ajudar nesse sentido, insistindo no reconhecimento, no respeito, na proteção e na promoção de sua máxima ética, expressada pelo provérbio “feta kgomo o tshware motho” - se a pessoa está em uma situação em que precisa optar entre proteger e salvaguardar a riqueza ou preservar a vida humana, ela deve então optar pela preservação da vida humana.

IHU On-Line - Como o ubuntu concebe a lei, o direito e a justiça?

Mogobe Ramose - A concepção ubuntu do direito é parte integrante da filosofia do “Nós” que define a comunidade como uma entidade dinâmica com três esferas, a saber: a dos vivos, a dos mortos-vivos (“ancestrais”) e a dos ainda não nascidos. A justiça é a efetivação e a preservação de relações harmoniosas em todas as três esferas da comunidade, e o direito é o instrumento para alcançar esse fim.

IHU On-Line - Na América Latina, alguns países incluíram a ética “sumak kawsay” (bem viver) em suas Constituições, como o Equador e a Bolívia. E o senhor defende que “não há uma razão *a priori* pela qual o ubuntu não deveria ser a filosofia básica para a democracia constitucional na África do Sul”. Por quê?

Mogobe Ramose - Eu gostaria de sa-

“Para outras culturas, o ubuntu pode enfatizar a importância vital de levar o ‘Nós’ a sério. Na prática, isso significaria um diálogo de culturas e tradições”

ber mais sobre “sumak kawsay”. Em uma resposta anterior, fiz referência ao fato de que, por alguma ironia e certamente por razões táticas, o ubuntu ficou de fora da Constituição final de 1996. A exclusão do ubuntu dessa Constituição é o que estou contestando, porque ela significa: 1) a rejeição de uma filosofia e de um modo de vida que têm sustentado e continuam sustentando os povos indígenas vencidos nas guerras injustas de colonização da África do Sul; 2) a integração forçada desses povos em um paradigma constitucional que não é deles, na medida em que descartou deliberadamente a sua filosofia; 3) a mudança tática do princípio da supremacia (soberania) parlamentar para a supremacia constitucional é a transmutação da injustiça da colonização e de suas consequências na justiça e, portanto, a negação da justiça para os povos indígenas vencidos da África do Sul.

Para a filosofia ubuntu, o tempo não muda a verdade, nem tem o poder de transformar uma injustiça em justiça. É por essa razão que eu defendo a presença real e visível do ubuntu na Constituição sul-africana ainda a ser acordada.

IHU On-Line - O que o ubuntu pode ensinar a outras tradições, culturas e ética não africanas?

Mogobe Ramose - Para outras culturas, o ubuntu pode enfatizar a importância vital de levar o “Nós” a sério. Na prática, isso significaria um ‘diálogo’ [ou polidialogo] de culturas e tradições que promova a filosofia intercultural para a melhoria da compreensão mútua e a defesa da vida humana.

Ubuntu, uma “alternativa ecopolítica” à globalização econômica neoliberal

A ética do ubuntu se pronuncia contra uma interpretação ideológica capitalista da realidade. Sua filosofia nativa espiritual está em maior consonância com a Terra, suas criaturas e suas formas vivas, afirma a educadora sul-africana Dalene Swanson

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

Reconhecido como “um sistema de crenças, uma epistemologia, uma ética coletiva e uma filosofia humanista espiritual do sul da África”, o ubuntu é, em suma, “uma forma ética de conhecer e de ser em comunidade”. Essa é a opinião da doutora em Educação nascida na África do Sul e hoje residente no Canadá, Dalene Swanson.

Professora adjunta da University of British Columbia, em Vancouver, e de Alberta, em Edmonton, ambas no Canadá, Dalene encontra no ubuntu uma das formas de “humanismo africano”. Mas, diferentemente da filosofia ocidental derivada do racionalismo iluminista, “o ubuntu não coloca o indivíduo no centro de uma concepção de ser humano”: “A pessoa só é humana - explica - por meio de sua pertença a um coletivo humano; a humanidade de uma pessoa é definida por meio de sua humanidade para com os outros”.

O ubuntu, afirma Dalene, “é uma expressão viva de uma alternativa ecopolítica” e também “a antítese do materialismo capitalista”. Mas hoje, diz, a industrialização, a urbanização e a globalização crescentes ameaçam corromper esse modo de ser africano tradicional, pois o ubuntu se posiciona “contra essa interpretação ideológica da realidade por meio de uma filosofia nativa espiritual que está em maior consonância com a Terra, suas criaturas e suas formas vivas, e isso diz respeito a toda a humanidade em toda parte”.

Dalene Swanson é professora adjunta da Faculdade de Educação das University of British Columbia, em Vancouver, e de Alberta, em Edmonton, Canadá. Nascida na África do Sul, é membro associada do Centre for Culture, Identity and Education da University of British Columbia. É doutora em Educação pela University of British Columbia, com a pesquisa *Voices in the Silence: Narratives of disadvantage, social context and school mathematics in post-apartheid South Africa*. Sua tese lhe garantiu diversos prêmios de excelência, dentre eles o Canadian Association of Curriculum Studies Award de 2005; o prêmio Ted T. Aoki, do mesmo ano; e o American Educational Research Association Award de 2006. Dentre outras publicações, é autora do capítulo *Where have all the fishes gone?: Living ubuntu as an ethics of research and pedagogical engagement*, do livro *In the Spirit of ubuntu: Stories of Teaching and Research* [*No espírito do ubuntu: Histórias de ensino e pesquisa*] (Sense Publications, 2009). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Fala-se do ubuntu como uma noção filosófica, um conceito abstrato, um fundamento ético ou uma ideologia nacionalista africana. Afinal, o que é ubuntu?

Dalene Swanson - Ubuntu é um sistema de crenças, uma epistemologia, uma ética coletiva e uma filosofia humanista espiritual do sul da África. Dentre as quatro categorias que você menciona na pergunta, o ubuntu é mais um fundamento ético coletivo (ou um sistema de crenças) do que qualquer outra coisa, embora também seja considerado uma forma de filosofia e epistemologia africanas nativas. É uma forma ética de conhecer e de ser em comunidade. Nesse sentido, é uma forma de humanismo africano. É muito menos um conceito abstrato do que uma expressão coletiva cotidiana de experiências vividas, centradas em uma ética comunitária do que significa ser humano.

Em Swanson (2007)¹, eu o descrevi da seguinte maneira: “Ubuntu é uma abreviação de um provérbio isiXhosa da África do Sul, proveniente de *Umuntu ngumuntu ngabantu*: uma pessoa é uma pessoa por meio de seu relacionamento com outros. O ubuntu é reconhecido como a filosofia africana do humanismo, ligando o indivíduo ao coletivo através da ‘fraternidade’ ou da ‘sororidade’. Ele dá uma contribuição fundamental às ‘formas nativas de conhecer e ser’. Com ênfases históricas diversificadas e (re) contextualizações ao longo do tempo e do espaço, é considerado uma forma espiritual de ser no contexto sociopolítico mais amplo do sul da África. Essa abordagem não é apenas uma expressão de uma filosofia espiritual em seu sentido teológico e teórico, mas uma expressão da vivência cotidiana. Isto é, uma forma de conhecimento que fomenta uma jornada rumo a ‘tornar-se humano’ (VANIER, 1998)² ou ‘que nos torna humanos’ (TUTU, 1999)³, ou, em seu

“O ubuntu é uma forma ética de conhecer e de ser em comunidade. Nesse sentido, é uma forma de humanismo africano”

sentido coletivo, uma maior humanidade que transcende a alteridade de todas as formas” (p. 55).

IHU On-Line - Sendo o ubuntu, portanto, uma filosofia do humanismo africano, qual o significado e o valor do ser humano dentro desse contexto?

Dalene Swanson - Diferentemente da filosofia ocidental derivada do racionalismo iluminista, o ubuntu não coloca o indivíduo no centro de uma concepção de ser humano. Este é todo o sentido do ubuntu e do humanismo africano. A pessoa só é humana por meio de sua pertença a um coletivo humano; a humanidade de uma pessoa é definida por meio de sua humanidade para com os outros; uma pessoa existe por meio da existência dos outros em relação inextricável consigo mesma, mas o valor de sua humanidade está diretamente relacionado à forma como ela apoia ativamente a humanidade e a dignidade dos outros; a humanidade de uma pessoa é definida por seu compromisso ético com sua irmã e seu irmão.

IHU On-Line - Quais são as origens culturais e históricas do ubuntu?

Dalene Swanson - O ubuntu tem sido uma expressão vivida de uma filosofia coletiva ética entre os povos sul-africanos há séculos. Ele também tem expressões linguísticas e vividas em outros povos africanos mais ao norte. Nesse sentido, é uma das normas culturais mais poderosas e universais que vinculam as pessoas em todo o continente e transcende línguas, tribos e locais como uma ética humana coletiva.

Em Swanson (2007), afirmei: “Da forma como cheguei a entender o conceito, o ubuntu nasce da filosofia de que a força da comunidade vem do apoio comuni-

tário e de que a dignidade e a identidade são alcançadas por meio do mutualismo, da empatia, da generosidade e do compromisso comunitário. O adágio de que “é preciso uma aldeia inteira para criar uma criança” está alinhado com o espírito e a intenção do ubuntu. Assim como o apartheid ameaçava corroer esse modo de ser africano tradicional - embora, em alguns casos, ele ironicamente o fortaleceu ao galvanizar o apoio coletivo e ao criar solidariedade entre os oprimidos -, da mesma forma a industrialização, a urbanização e a globalização crescentes ameaçam fazer o mesmo (p. 53-54)”.

IHU On-Line - Quais aspectos o ubuntu pode ajudar a aprofundar na ética ocidental? O que ele pode ensinar a outras tradições e culturas?

Dalene Swanson - Este é um ponto crucial. Vivemos em uma era de globalização econômica neoliberal profundamente perturbadora. Nossas pautas de desenvolvimento foram sequestradas por esse modelo econômico que se apresenta como a forma “certa” ou única de promover o desenvolvimento. Moldado por relações capitalistas de produção, esse modelo é subscrito pelo materialismo, pelo individualismo e pela competição, e normaliza uma elite rica sobre os pobres privados de direitos (em que a raça, a classe, a nacionalidade, o gênero, a etnia e o credo estão, na maioria das vezes, envolvidos diferencialmente). Para maximizar os lucros, pensa-se que algo tem de ser explorado. Em termos geopolíticos, isso assume a forma de uma subclasse humana, mas, em termos ecológicos, também inclui a devastação do meio ambiente em sua esteira. O discurso prevaemente apoiaria isso como um direito e uma exigência necessária da segurança econômica nacional.

Uma ética do ubuntu se pronunciaria contra essa interpretação ideológica da realidade por meio de uma filosofia nativa espiritual que está em maior consonância com a Terra, suas criaturas e suas formas vivas, e isso diz respeito a toda a humanidade em toda parte. Visto que o princípio central do ubuntu é o respeito mútuo, ele está em consonância com a epistemologia africana de modo mais geral, que é circular em sua compreensão e, consequentemente, está

¹ Swanson, D. M. Ubuntu: An African contribution to (re)search for/with a “humble togetherness”. *The Journal of Contemporary Issues in Education*, University of Alberta, v. 2, n. 2, p. 53-67, 2007. Special Edition on African Worldviews. Disponível em: <http://migre.me/1YZrO>. (Nota da entrevistada)

² Vanier, J. *Becoming human*. Toronto: Anansi (CBC), 1998. (Nota da entrevistada)

³ Tutu, D. *No future without forgiveness*. New York: Doubleday, 1999. (Nota da entrevistada)

mais em harmonia ecológica com a Terra do que a epistemologia do racionalismo ocidental, que é linear, exploradora e insustentável. Portanto, o ubuntu tem uma contribuição crítica a dar não só para uma filosofia nativa interconectada globalmente, mas como uma abordagem contra-hegemônica a uma cosmovisão globalizante que exalta a riqueza material às custas da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica.

Discursivamente, a globalização econômica torna as alternativas não existentes. O ubuntu, como contribuição para uma filosofia nativa, é uma expressão viva de uma alternativa ecológica. Em um mundo crescentemente movido a vigilância, o futuro dos direitos humanos (e ecológicos), da dignidade humana e da sobrevivência de nosso planeta em termos amplos dependem de noções filosóficas e ideológicas nativas como o ubuntu.

IHU On-Line - Como a ética do ubuntu se relaciona com a noção africana de comunidade, autonomia e descolonização?

Dalene Swanson - O ubuntu é central para uma noção de comunidade, não em um sentido simplista de “comunitarismo primitivo”, mas comunidade em termos de solidariedade com os estão sendo oprimidos e cuidado e preocupação sinceros pelo próximo, independentemente de classe, casta, credo ou circunstância. Essa é uma ética de responsabilidade pelo “Outro” em termos de ubuntu, e testemunhar ou participar da diminuição da humanidade do outro equivale à diminuição de sua própria humanidade.

Você menciona a palavra “autonomia”. Não creio que este seja um critério crucial do ubuntu. A autonomia sugere uma separação de alguma outra coisa. Se nós respeitamos a humanidade do outro, de qualquer outro, não podemos estar separados de sua humanidade. O ubuntu sugere que nós estamos sempre inextricavelmente conectados com outro ser humano - todos os outros seres humanos, que definem a nossa própria humanidade. Suponho que você considere que a “autonomia” entre em jogo no sentido de sugerir solidariedade. Sim, o ubuntu teve certa importância na solidariedade antiapartheid na

“A industrialização, a urbanização e a globalização crescentes ameaçam corroer o ubuntu”

África do Sul. Ser solidário com outro ser oprimido, nesse sentido, constituiria um envolvimento com o ubuntu. E, como extrapolação disso, ele tem muito a ver com a descolonização. Dessa forma, sua importância para com a descolonização não tem tanto a ver com a resistência a um poder colonial em uma frente nacional, como tem sido o legado da África, mas agora também a novas formas de colonialismo através da globalização econômica neoliberal e uma agenda de desenvolvimento cuja estrutura ideológica é definida dentro dos moldes político-econômicos dos poderes imperiais.

IHU On-Line - Em uma sociedade marcada pela violência e pela pobreza como a africana, quais são as contribuições e os limites da ética do ubuntu?

Dalene Swanson - Creio que é preciso ser cuidadoso para não homogeneizar “a sociedade africana” e falar dela inteiramente em termos de “déficit”. Nem toda a sociedade africana é marcada por “violência e pobreza”. Essa terminologia também sugere que as sociedades não africanas talvez não sejam marcadas por violência e pobreza, ou o sejam menos. Há muita violência na América do Norte, por exemplo. A natureza e a extensão podem ser diferentes, mas o capitalismo pode ser uma ideologia muito violenta. Embora uma parte dessa violência talvez seja simbólica, ela é, não obstante, altamente destrutiva e cúmplice na negação da dignidade e dos direitos de muitos.

A África também tem muito a se orgulhar em termos de sua beleza e presença, mas também da beleza, resiliência, compaixão e humanidade de muitos de seus povos. Além disso, há muitas profundas contribuições e inovações episte-

mológicas históricas e contemporâneas que vieram e que estão vindo da África. Em muitos casos, ela também ostenta sofisticação e criatividade industrial e tecnológica, embora isso raramente seja reconhecido através das lentes dos poderes dominantes e dos discursos hegemônicos.

Não obstante, voltando à sua pergunta, segue-se o que escrevi em Swanson (2007), a respeito do papel do ubuntu na Comissão de Verdade e Reconciliação na África do Sul pós-apartheid: “O ganhador do prêmio Nobel, o arcebispo Desmond Mpilo Tutu⁴, que, em 1995, tornou-se o presidente da Comissão de Verdade e Reconciliação na África do Sul pós-apartheid, era um vigoroso defensor da filosofia e do poder espiritual do ubuntu na recuperação da ‘verdade’ por meio de narrativas das atrocidades da era do apartheid. Ele também viu como necessário nos processos mais importantes e subsequentes de perdão, reconciliação, transcendência e cura que surgem por meio do processo catártico de dizer a verdade. Nesse sentido, o alcance das noções de ‘verdade’ com relação ao mandato da Comissão de Verdade e Reconciliação superava uma noção forense de ‘descoberta da verdade’ para incluir três outras noções de busca da verdade que abrangiam a verdade pessoal ou narrativa, a verdade social ou dialógica e a verdade curativa ou restauradora (MARX, 2002, p. 51)⁵. Uma percepção da

⁴ **Desmond Tutu (1931)**: Bispo anglicano sul-africano. Trabalhou como professor secundário e, em 1960, ordenou-se sacerdote anglicano. Após estudar teologia por cinco anos na Inglaterra, foi nomeado deão da catedral de Santa Maria, em Joanesburgo, sendo o primeiro negro a ter tal nomeação. Sagrado bispo, dirige a diocese de Lesoto de 1976 a 1978, ano em que se torna secretário-geral do Conselho das Igrejas da África do Sul. Sua proposta para a sociedade sul-africana inclui direitos civis iguais para todos; abolição das leis que limitam a circulação dos negros; um sistema educacional comum; e o fim das deportações forçadas de negros. Sua firme posição antiapartheid - a política oficial de segregação racial - lhe vale, em 1984, o Prêmio Nobel da Paz. As *Notícias do Dia*, do sítio do IHU, publicaram uma conferência de Tutu, no evento *Global Ethic Lectures*, organizado pela *Fundação Ética Mundial*, em que o arcebispo faz uma análise aprofundada e pessoal da relação entre o ubuntu, a ética e as religiões mundiais. O texto, intitulado *Ubuntu: uma perspectiva africana sobre ética e dignidade humana*, 30-04-2010, está disponível em <http://migre.me/1Z3W0>. (Nota da IHU On-Line)

⁵ **MARX, C.** *Ubu and ubuntu: On the dialectics of apartheid and nation building*. Politikon:

epistemologia africana ressoa por essas postulações da ‘verdade’ em sua formulação e exposição. Como linha filosófica da epistemologia africana, o ubuntu foca as relações humanas, atentando para a consciência moral e espiritual do que significa ser humano e estar em relação com um Outro. Isso se expressa no anúncio da Comissão de que ele ‘desloca o foco primordial do crime, passando da violação das leis ou infrações contra um Estado sem rosto para uma percepção do crime como violações contra seres humanos, como dano ou mal feito a outra pessoa’ (*apud* Marx, 2002, p. 51). Mais uma vez, o imperativo da busca da verdade por parte da Comissão é sustentado por uma concepção da epistemologia africana e do ubuntu em sua incorporação da verdade pessoal ou narrativa, da verdade social ou dialógica e da verdade curativa ou restauradora (p. 53).”

IHU On-Line - A senhora define o ubuntu como “humble togetherness”, intimidade humilde, estar juntos em humildade. Qual o significado dessa definição para a relação entre o indivíduo e a sociedade em geral?

Dalene Swanson - Cunhei o termo “*humble togetherness*” para exemplificar como o ubuntu atua não através de relações de poder, em que uma pessoa é superior a outra e mostra compaixão ou oferece ajuda de forma patriarcal ou paternalista, mas através do ato de se tornar humilde diante de outra pessoa, de ver o outro como uma pessoa igual, que contribui e é digna, que tem uma presença na qual nossa própria humanidade se reflete.

Trata-se de uma conexidade abnegada, voltada para fora, para o bem-estar de outra pessoa e o seu reconhecimento como pessoa. É uma forma de mutualismo em que o orgulho de si mesmo depende inteiramente de se sustentar a dignidade do outro ou da comunidade. Falei sobre como o ubuntu sustenta uma metodologia de pesquisa mais reflexiva por meio de um conceito de “estar juntos em humildade” e sobre como ela contribui para uma pedagogia e prática da educação e da vida em alguns de meus artigos e capítulos de livros.

South African Journal of Political Studies, v. 29, n. 1, p. 49-69, 2002. (Nota da entrevistada)

particularmente em Swanson (2007), (2009a)⁶ e (2009b)⁷.

IHU On-Line - Em que aspectos o ubuntu ajudou a forjar a sociedade, a política e a economia sul-africanas? Onde ainda é preciso melhorar?

Dalene Swanson - Toquei em algumas dessas questões ao fazer referência à Comissão de Verdade e Reconciliação. O ubuntu também tem sido usado em nível de governo para incentivar a formação da nação, curar as cicatrizes do apartheid e a desconfiança entre as raças que aquele regime engendrou. Embora isso tenha sido até certo ponto bem-sucedido em uma frente, o problema é que foi implementado de cima para baixo, não sendo uma abordagem organizacional crescente que parte das bases. Os limites dessa abordagem podem ser vistos nas poucas semanas de violência xenófoba do ano passado contra refugiados e imigrantes de outros países africanos que vivem e trabalham na África do Sul.

Nesse contexto, o ubuntu parecia se aplicar apenas aos companheiros “sul-africanos” dentro da “nação do arco-íris” e não aos “estrangeiros” - um sinal de uma formação de nação que deu muito errado. Pode-se sustentar que, no primeiro caso, há uma discordância entre as bases filosóficas do ubuntu que promovem a fraternidade e a sororidade universais, extensivas a toda a humanidade, e o conceito de uma “nação” que invoca fronteiras e diferencia as pessoas (e sua humanidade) de acordo com a cidadania, garantindo direitos a alguns e não a outros. Eu discuto esse problema com maior profundidade em Swanson (2007).

Outro aspecto que pode ser destacado é que o ubuntu assinala a antítese do materialismo capitalista. Com o advento contínuo da globalização econômica e mediante a adesão a um modelo de desenvolvimento moldado pelo capita-

⁶ SWANSON, D. M. *Roots / Routes (Part II), Qualitative Inquiry*. Sage Publications, v. 15, n. 2, p. 58-78, 2009a. Disponível em: <http://migre.me/1Z2We>. (Nota da entrevistada)

⁷ SWANSON, D. M. *Where have all the fishes gone?: Living ubuntu as an ethics of research and pedagogical engagement*. In: Caracciolo, D.; Mungai, A. (Eds.). *In the spirit of ubuntu: Stories of teaching and research*. Rotterdam: Sense Publications, 2009b. p. 3-21. (Transgressions: Cultural Studies and Education). (Nota da entrevistada)

lismo, a África do Sul vem se tornando cada vez mais materialista, de tal modo que o abismo que separa “os que têm” e “os que não têm” aumentou consideravelmente, mesmo que as configurações raciais dessa hierarquia tenham mudado até certo ponto. Isso representa uma ameaça para o ubuntu. Poder-se-ia sustentar que é somente por meio da força do ubuntu e de um conjunto coletivo de valores e de responsabilidades que honrem a humanidade, a dignidade e os direitos igualitários dos outros que o *status quo* poderia ser superado - talvez uma nova luta pela libertação.

IHU On-Line - Qual a relação entre o ubuntu e a transcendência, em sentido teológico?

Dalene Swanson - Acho que se pode ver isso na forma como o arcebispo Desmond Tutu deu ao ubuntu uma interpretação especificamente teológica quando presidiu a Comissão de Verdade e Reconciliação⁸. Empregado como um fórum espiritual para a recuperação da verdade e para fomentar as condições para o arrependimento e o perdão, o ubuntu foi mesclado com o cristianismo (com o qual estaria estreitamente aliado em termos dos princípios cristãos autossacrificadores do “ama teu próximo como a ti mesmo”) para levar a efeito um *ethos* para a reconciliação e a transcendência.

Isso não era incomum, pois, em boa parte do contexto africano, a filosofia espiritual africana está integrada ou é compatibilizada com a ética cristã. No fim das contas, entretanto, lealdades e alianças são uma questão de interpretação. O ubuntu continua sendo essencialmente uma filosofia viva que é praticada nas vidas de pessoas comuns em uma miríade de contextos em todo o continente, mostrando ‘humanitariedade’, solidariedade, compaixão e uma sabedoria espiritual coletiva que oferece dignidade, respeito e humanidade em sua expressão.

⁸ As Notícias do Dia, do sítio do IHU, publicaram uma conferência de Desmond Tutu, no evento Global Ethic Lectures, organizado pela Fundação Ética Mundial, em que o arcebispo faz uma análise aprofundada e pessoal da relação entre o ubuntu, a ética e as religiões mundiais. O texto, intitulado *Ubuntu: uma perspectiva africana sobre ética e dignidade humana*, 30-04-2010, está disponível em <http://migre.me/1Z3W0>. (Nota da IHU On-Line)

“O ubuntu é ‘liberdade indivisível’”

Para me envolver com o Outro como sujeito, como indivíduo livre como eu mesmo, como outro ser humano, eu também tenho de me tornar sujeito, reconhecendo nossa sujeição comum à história, à contingência e ao destino, explica o teólogo norte-americano Charles Haws

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

A partir da ótica do ubuntu, a liberdade e a autonomia do indivíduo andam de mãos dadas com a responsabilidade pelos outros. É por isso que “ubuntu significa principalmente a interconexidade dos seres humanos”, ou seja, seres fundamentalmente livres em relação - uma liberdade indivisível. Para o teólogo norte-americano Charles Graham Haws, essa relação entre sujeitos livres ocorre a partir do momento em que eles reconhecem sua “sujeição comum à história, à contingência e ao destino”. “Não existe um eu singular que preexistia a nossas relações com os outros. Sempre existimos tanto no singular quanto no plural”, sintetiza.

Nesta entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, Haws também aborda as relações entre o ubuntu e o cristianismo. Para ele, “o ubuntu nos ajuda a compreender a noção de ‘comunidade cristã’, lembrando-nos de um tipo de kenosis na busca da justiça”, explica.

Além disso, o ubuntu nos ajuda também a compreender nossas relações com outros “sujeitos” não humanos. Segundo Haws, “para que o ubuntu não se associe ao mito da predominância da humanidade sobre a natureza ou l’animot (como escreve Derrida), ele não pode se limitar a dizer que o humano só pode se sentir plenamente humano em relação com a humanidade apenas”.

Charles Graham Haws é formado em filosofia e ciências religiosas pelo Carson-Newman College, no Tennessee, dos EUA. Também é mestre em teologia pela McAfee School of Theology, da Mercer University, de Atlanta, nos EUA, com a dissertação *Re/writing Tradition and the Tradition of Re/writing: The Crucified God as the Foundation and Criticism of Christian Theology*. É membro da American Academy of Religion e da Society of Biblical Literature. Dentre outros, é autor do artigo *Suffering, Hope, and Forgiveness: The Ubuntu Theology of Desmond Tutu*, publicado no *Scottish Journal of Theology*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as noções centrais para se compreender o *ethos* do ubuntu?

Charles Haws - Ubuntu significa principalmente a interconexidade dos seres humanos, que é uma determinação da compreensão dos seres humanos como seres fundamentalmente livres - livres, por exemplo, de qualquer limitação fora da pessoa individual. Como o traduz a proverbial expressão xhosa, *ubuntu ungamntu ngabanye abantu*, “a humanidade de cada indivíduo está idealmente expressa na relação com outros” ou, se me é permitido parafrasear Tutu, o ubuntu é “liberdade indivisível”. É justamente essa tensão que me intriga em

relação ao ubuntu e que chama a minha atenção, algo que também Robert Orsi¹ comunica no último *Harvard Divinity Bulletin*. Para me envolver com o outro como sujeito, como um indivíduo livre como eu mesmo, como outros seres humanos, eu “também tenho de me tornar sujeito” através do “reconhecimento de nossa sujeição comum à história, à contingência e ao destino”². Eu tenho

¹ Robert Orsi: historiador norte-americano e professor de estudos católicos da cátedra Grace Craddock Nagle da Northwestern University, dos EUA. Foi professor da Fordham University, da Indiana University, da Harvard Divinity School e da Harvard University. Também presidiu a American Academy of Religion entre 2002 e 2003. (Nota da IHU On-Line)

² ORSI, Robert A. Theorizing Closer to Home. *Harvard Divinity Bulletin*, v. 38, n. 1 e 2, p. 36,

de reconhecer minha própria liberdade indivisível, de que eu sou quem eu sou em relação com outros. Envolvermo-nos com o mundo, continua Orsi, através das circunstâncias dentro das quais nos encontramos junto com eles - é assim que eu compreendo o ubuntu.

Também é importante reconhecer que o ubuntu é um termo sul-africano que representa um *ethos* africano polissêmico humanista e religioso. Variações do conceito proliferam nas línguas banto, que se multiplicam na África central, oriental e meridional. Elas geralmente expressam comunitariedade, respeito, dignidade e generosidade.

2010. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - Qual a contribuição da teologia do reverendo Tutu para a compreensão do ubuntu?

Charles Haws - Uma compreensão popular do ubuntu em evidência hoje deriva do uso do conceito como nome de um sistema operacional de código-fonte aberto desenvolvido pela Linux³. O sistema é movido por uma filosofia de software livre. De fato, como visa a difundir e a levar os benefícios do software para todas as partes do mundo, a filosofia ubuntu expressa pela Linux enfoca a liberdade, a liberdade de “baixar, rodar, copiar, distribuir, estudar, compartilhar, mudar e melhorar seu software para qualquer propósito, sem pagar taxas de licenciamento”; de “usar seu software na língua de sua escolha”; e de “usar softwares mesmo que trabalhem sob uma deficiência”⁴.

A compreensão popular apresentada pelo software da Linux dificilmente constitui a concepção robusta que Tutu tem do ubuntu. Sua teologia se concentra não na liberdade de indivíduos, mas na interconexidade desses indivíduos ou, como eu disse acima, na “liberdade indivisível”. É isso que me atrai tanto no conceito, no seu potencial: o fato de compreender a liberdade em relação a certo tipo de unidade, um tipo de unidade cuja possibilidade não reside na mesmidade, mas na justiça. É isso que Tutu diz em *Hope and Suffering* (p. 23): “Para que haja unidade, ela deve se basear, em última análise, no valor da justiça”.

Agora, o ubuntu avança rumo à justiça, não à vingança; ele se dirige rumo à restauração, não à retaliação. A teologia de Tutu entrelaça o ubuntu no tecido da história cristã, afirmando que Deus criou a humanidade indissolivelmente interconectada. A declaração do ubuntu é a declaração de uma esperança transformadora, uma esperança por reconciliação e sua concretização em meio à vida humana, que está fragmentada e repleta de

injustiça.

IHU On-Line - Para o senhor, “a teologia do ubuntu de Tutu é desafiadora para a compreensão dominante da teologia ocidental”. Por quê?

Charles Haws - O ubuntu se distingue tanto do individualismo cartesiano quanto do coletivismo homogêneo da submissão à “vontade geral” de Rousseau⁵. Em *A democracia na América*, De Tocqueville⁶ compara o pai da filosofia moderna, Descartes⁷, com o pai do protestantismo, Lutero⁸, satirizando: “Quem não percebe que Lutero, Descartes e Voltaire⁹ empregaram o mesmo método?”. Seu método comum de dependência de si mesmo,

⁵ Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da IHU On-Line)

⁶ Alexis Carlier Clerel de Tocqueville (1805-1859): pensador político e historiador francês, autor do clássico *A democracia na América* (São Paulo: Martins Fontes, 1998-2000). (Nota da IHU On-Line)

⁷ René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentadores, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos XVII e XVIII na Europa. (Nota da IHU On-Line)

⁸ Martinho Lutero (1483-1546): teólogo alemão, considerado o pai espiritual da Reforma Protestante. Foi o autor da primeira tradução da Bíblia para o alemão. Além da qualidade da tradução, foi amplamente divulgada em decorrência da sua difusão por meio da imprensa, desenvolvida por Gutenberg em 1453. Sobre Lutero, confira a edição 280 da IHU On-Line, de 03-11-2008, intitulada Reformador da Teologia, da igreja e criador da língua alemã. O material está disponível para download em <http://bit.ly/duDz1j>. (Nota da IHU On-Line)

⁹ Voltaire (1694-1778): pseudônimo de François-Marie Arouet, poeta, ensaísta, dramaturgo, filósofo e historiador iluminista francês. Uma de suas obras mais conhecidas é o Dicionário Filosófico, escrito em 1764. (Nota da IHU On-Line)

expresso em uma desconsideração geral pela comunidade e tradição, passou a ser uma parte central não só da ideologia americana, na qual De Tocqueville se concentrou, mas também da teologia ocidental. A esse individualismo do Ocidente, contrapõe-se a ideia da “vontade geral” de Rousseau: o indivíduo se submete à república aderindo ao contrato social, e o contrato social representa a conformação ou homogeneização dos interesses individuais em interesses coletivos. O indivíduo transfere seus direitos à comunidade para suprimir a anarquia e alcançar segurança da vida e da propriedade; seu propósito é formar uma sociedade a que ele se submeteria completamente.

De acordo com o ubuntu, nenhuma dessas opções combina satisfatoriamente a liberdade e a autonomia do indivíduo com sua responsabilidade pelos outros; nenhuma das opções o chama a assumir o fato de ser livre somente na medida em que está interconectado, e que sua liberdade é inseparável de sua busca por justiça. De fato, a compreensão teológica do ubuntu por parte de Tutu afirma que Deus criou a humanidade indissolivelmente interconectada. Mas o individualismo prolifera em muitas teologias ocidentais, tanto acadêmicas quanto eclesiais: elas tendem a centralizar o indivíduo em termos de experiência religiosa - o indivíduo tem uma revelação pessoal, muitas vezes inexplicável - ou em termos de autoridade religiosa - o crente individual é responsável diante de Deus por sua aceitação ou rejeição do evangelho. O ubuntu enfoca não só a divisão de indivíduos, mas também a divisão de grupos, a confrontação de grupo contra grupo.

Tutu acreditava que esse era o caso da Igreja sul-africana branca na questão do apartheid, cuja cumplicidade se refletiu fortemente nas convicções teológicas da Igreja. Se a Igreja sul-africana branca não se considerava responsável por intervir, por condenar a sistemática segregação do apartheid, então ela não tinha qualquer percepção de sua conexão com os negros.

IHU On-Line - A partir da ética do

³ Confira nas Notícias do Dia 04-08-2007 do site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU: “Não é fácil derrotar a Microsoft”. Uma conversa com o criador do Ubuntu: <http://migre.me/2K6AY> (Nota da IHU On-Line)

⁴ Google. *About Ubuntu: The Ubuntu Story*. Disponível em: <http://www.ubuntu.com/products/whatisubuntu>. Acesso em: 25 maio 2010. (Nota do entrevistado)

mundo, como é possível compreender a importância e o sentido da reconciliação e da justiça?

Charles Haws - Citando Derrida¹⁰, poderíamos dizer que a afirmação da conexão em meio ao apartheid por parte de Tutu - que os africanos¹¹ não estavam livres dos povos xhosa ou zulu (ou vice-versa) - era efetivamente desobediência civil, “não desafio da lei, mas desobediência com relação a alguma disposição legislativa em nome de uma lei melhor ou superior”¹². A lei superior do ubuntu é a justiça em um sentido total e restaurador, não parcial ou retributivo. A “ética” ubuntu pressupõe a reconciliação na medida em que define justiça em termos de socialidade, de relação com o Outro; para alcançar a justiça, especialmente em contextos repletos de divisões, é necessário restaurar as relações entre o meu próprio “eu” e o meu próprio Outro. A justiça definida dessa maneira equivale à lei superior que o ubuntu quer continuamente nos trazer à lembrança.

Assim, em uma era de terrorismo

10 Jacques Derrida (1930-2004): filósofo francês, criador do método chamado desconstrução. Seu trabalho é associado, com frequência, ao pós-estruturalismo e ao pós-modernismo. Entre as principais influências de Derrida encontram-se Sigmund Freud e Martin Heidegger. Entre sua extensa produção, figuram os livros *Gramatologia* (São Paulo: Perspectiva, 1973), *A farmácia de Platão* (São Paulo: Iluminuras, 1994), *O animal que logo sou* (São Paulo: UNESP, 2002), *Papel-máquina* (São Paulo: Estação Liberdade, 2004) e *Força de lei* (São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007). Dedicamos a Derrida a editoria Memória da IHU On-Line edição 119, de 18-10-2004, disponível para download em <http://migre.me/s8bA>. (Nota da IHU On-Line)

11 Os *bôeres*, *bóeres* ou *boeres* (também denominados *africanos*): descendentes de colonos calvinistas dos Países Baixos e também da Alemanha e França, tendo-se estabelecido na África do Sul nos séculos XVII e XVIII, cuja colonização disputaram com os britânicos. Desenvolveram uma língua própria, o *africânder*, derivado do neerlandês com influências limitadas de línguas indígenas, do malaio e do inglês. Atualmente, o *africânder* é uma das onze línguas oficiais da África do Sul. (Nota da IHU On-Line)

12 BIRNBAUM, Jean; DERRIDA, Jacques. *Learning to Live Finally*. New York: Allen & Unwin, 2007, p. 43. Quanto à ideia de desafiar a lei em nome da lei, veja o ensaio de Derrida no volume editado por ele e dedicado a Mandela: DERRIDA, Jacques. *The Laws of Reflection: Nelson Mandela, in Admiration*. In: DERRIDA, Jacques; TILLI, Mustapha (eds.). *For Nelson Mandela*. New York: Seaver, 1987, p. 11-42. (Nota do entrevistado)

“Para me envolver com o outro como sujeito, eu também tenho de me tornar sujeito através do reconhecimento de nossa sujeição comum à história, à contingência e ao destino”

globalizado, da exploração de sociedades abertas e da tentativa de afirmar (embora de maneiras calculadas) as regras da lei democrática e dos direitos humanos, o que o ubuntu busca? Como professor visitante do programa “Semester at Sea”, durante a primavera de 2007, Tutu discutiu o clima de medo existente nos EUA depois do 11 de setembro - uma terrível atmosfera de insegurança. Mas Tutu tinha a esperança de que os norte-americanos veriam sua segurança vinculada com a segurança de todos os demais. Lembro de assistir aos acontecimentos do dia 11 de setembro na televisão da sala de aula, estupefato e atônito, junto com todos os meus colegas, praticamente sem entender o que estava acontecendo. Qualquer que tenha sido a justificativa para começar a Guerra no Iraque, a presença norte-americana no Oriente Médio se concentra agora no “terrorismo”, em dismantelar suas raízes para que seus ramos não alcancem as praias norte-americanas de novo.

Não faço parte da geração de norte-americanos que seguiu Bush para o Iraque. Mas faço parte da geração de norte-americanos que precisam lidar com suas consequências, a herança do 11 de setembro e de um clima internacional de radicalização e antecipação. Se o ubuntu realmente é um conceito robusto, devo perguntar qual é seu papel nesse contexto. Como os “interesses nacionais” do “meu” país se relacionam com o ubuntu? Com que Outros os EUA estão relacionados e por quem

são responsáveis? O que significaria se, olhando pela ótica do ubuntu, os EUA “não se sentissem ameaçados pelo fato de outros serem capazes e bons” e “se situassem em um todo maior e fossem diminuídos quando outros são humilhados ou diminuídos, quando outros são torturados ou oprimidos”¹³?

IHU On-Line - Qual o valor e o significado do ser humano e da vida humana para o ubuntu?

Charles Haws - A autonomia luterano-cartesiana mencionada anteriormente impregna o sujeito humanista, pois, como “o ser humano é a medida de todas as coisas”, ele é o autor de todos os sentidos e tem o domínio sobre si mesmo e seu mundo. Heidegger¹⁴ questiona essa tradição no Ocidente: “Pelo fato de estarmos falando contra o ‘humanismo’, as pessoas temem uma defesa do desumano e uma glorificação da brutalidade bárbara. Pois, o que é mais ‘lógico’ do que isto: quem nega o humanismo, não lhe resta senão afirmar a desumanidade? (...) Deveria estar mais claro agora que a oposição ao ‘humanismo’ de forma alguma implica na defesa do desumano, mas, ao contrário, abre outras perspectivas”¹⁵.

13 TUTU, Desmond. *No Future Without Forgiveness*. New York: Doubleday, 1999, p. 31. (Nota do entrevistado)

14 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947), *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, a IHU On-Line publicou na edição 139, de 2-05-2005, o artigo *O pensamento jurídico-político de Heidegger e Carl Schmitt. A fascinação por noções fundadoras do nazismo*, disponível para download em <http://migre.me/uNtf>. Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-06-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível para download em <http://migre.me/uNtv>, e 187, de 3-07-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtC>. Confira, ainda, o nº 12 do *Cadernos IHU Em Formação* intitulado *Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNtL>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-05-2010, disponível em <http://migre.me/FC8R>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença - pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

15 HEIDEGGER, Martin. Letter on “Human-

De fato, o apartheid seria a brutalidade desumana e bárbara a ser denunciada, e o ubuntu ofereceria um “humanismo” alternativo ao sabor do apartheid, de gosto amargo. O ubuntu criticaria o sujeito humanista como dominador e autônomo - no caso do apartheid sul-africano, o africânder como superior - definindo o “sujeito”, pelo contrário, como relacional... Junto com a obra de Lévinas¹⁶, Derrida, Nancy¹⁷ e outros, o que eu encontro no ubuntu é um tipo de movimento duplo que “não converte a relação anárquica e assimétrica com o Outro na visão sinótica da totalidade social, nem institui um novo princípio de justiça baseado no ideal comunitário dos valores morais compartilhados”¹⁸.

Voltando a Heidegger, uma das percepções mais importantes e temáticas centrais de Jean-Luc Nancy é que os indivíduos de forma alguma estão fundamentalmente separados um do outro, o que é muitíssimo semelhante à concepção de Heidegger a respeito de *Mitsein* [“ser-com”] em *Ser e tempo* (1929). Apesar da radical dissolução da comunidade na era pós-moderna, Nancy amplia sua perspicácia filosófica para nos lembrar de nossa existência singular-plural - que sempre-já existimos

ism”. In: MCNEILL, William (ed.). *Pathmarks*. New York: Cambridge University Press, 1998, p. 263. (Nota do entrevistado)

16 Emmanuel Lévinas (1906-1995): filósofo francês nascido numa família judaica na Lituânia. Bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger e Franz Rosenzweig, o pensamento de Lévinas parte da ideia de que a Ética, e não a Ontologia, é a Filosofia primeira. É no face a face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à ideia o infinito. A IHU On-Line dedicou sua edição 277, de 18-10-2008, a *Lévinas e a majestade do Outro*, disponível em <http://migre.me/26iFE> (Nota da IHU On-Line)

17 Jean-Luc Nancy (1940-): filósofo francês, considerado um dos pensadores mais influentes da França contemporânea, professor emérito de filosofia na Universidade Marc Bloch de Estrasburgo e colaborador das Universidades de Berkeley e Berlim. De sua obra, foram publicados em português os livros *O mito nazista* (Iluminuras, 2002) e *O título da letra: Uma leitura de Lacan* (Escuta, 1991). (Nota da IHU On-Line)

18 ZIAREK, Ewa Plonowska. *An Ethics of Dissensus: Postmodernity, Feminism, and the Politics of Radical Democracy*. Stanford: Stanford University Press, 2001, p. 77. (Nota do entrevistado)

“O ubuntu combina satisfatoriamente a liberdade e a autonomia do indivíduo com sua responsabilidade pelos outros”

em relação uns com os outros. Não existe um eu singular que preexistia a nossas relações com os outros; sempre existimos tanto no singular quanto no plural; seres singulares existem apenas em uma “socialidade” original. Essa é a ideia do conceito de *compearance* - que considero muito semelhante ao ubuntu em sua acepção mais básica - que aparece em *The Inoperative Community* (1991) de Nancy, no ensaio em *Political Theory* intitulado *La Comparution/The Compearance* (1992) e em *Being Singular Plural*. Ou, nas palavras de Derrida, já estamos envolvidos na “relação com o Outro antes de qualquer *socius* organizado”¹⁹. E, no entanto, embora existamos em uma “socialidade” original, não devemos conceber “o ‘comum’ [commun]” como “o como-um [comme-un]”²⁰, pois a própria “respiração de toda ‘comunidade’”, explica Derrida, é “um certo desenredamento interruptor (...) do ‘vínculo social’”²¹.

IHU On-Line - Como o ubuntu pode nos ajudar a entender a noção de “comunidade cristã”? Podemos dizer que Jesus também viveu o *ethos* do ubuntu?

Charles Haws - Como escreve o bió-

19 DERRIDA, Jacques. *The Politics of Friendship*. Trad. Gabriel Motzkin. *The Journal of Philosophy*, v. 85, n. 11, p. 633, 1988. (Nota do entrevistado)

20 DERRIDA, Jacques; FERRARIS, Maurizio. *A Taste for the Secret*. Trad. Giacomo Donis. Cambridge: Polity Press, 2001, p. 25. (Nota do entrevistado)

21 DERRIDA, Jacques. *Faith and Knowledge: The Two Sources of “Religion” at the Limits of Reason Alone*. In: DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni (eds.). *Religion*. Stanford: Stanford University Press, 1998, p. 64. (Nota do entrevistado)

grafo Anthony Sampson²², Mandela²³ foi educado com a noção africana da fraternidade humana, ou ubuntu, que descrevia uma qualidade de responsabilidade e compaixão mútuas.²⁴ Mandela contava histórias sobre uma pessoa que viajava por um país e parava em um vilarejo para pedir água e comida. O que levava os habitantes da aldeia a dar aquilo de que o estrangeiro necessitava era o ubuntu, diz ele. Esse certamente parece ser o *ethos* cultivado pelas histórias de Jesus em que ele anda pelo mundo greco-romano somente com uma túnica e sandálias. Certamente concordo que certos aspectos das histórias que os cristãos contam sobre Jesus ilustram o ubuntu, mas considero, em última análise, que o ubuntu transcende, inclusive ultrapassa, as fronteiras do cristianismo.

De fato, o ubuntu é tanto humanista quanto religioso (talvez sem afirmar uma dicotomia entre ambos os aspectos). Eu diria que ele cultiva uma religião humanista ou um humanismo religioso que milita contra sua própria colonização. Considerando que as comunidades tendem a neutralizar as diferenças, tratando todos os membros da mesma forma (por exemplo, o outro pertence à minha comunidade somente na medida em que é igual a mim), e a definir a si mesmas segundo

22 Anthony Sampson (1926-2004): escritor e jornalista britânico, formado na University of Oxford em 1950. Mudou-se para a África do Sul, onde se tornou editor da revista antiapartheid *Drum*. Na África do Sul, conheceu vários líderes do Congresso Nacional Africano, incluindo Steve Biko e Nelson Mandela, de quem se tornou amigo íntimo e que o escolheu para escrever sua biografia depois de 26 anos de prisão: *Mandela: The Authorised Biography*, publicada em 1999. (Nota da IHU On-Line)

23 Nelson Rolihlahla Mandela (1918): advogado, líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Principal representante do movimento antiapartheid, como ativista, sabotador e guerrilheiro. Considerado pela maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era tido pelo governo sul-africano como um terrorista. Em 1990 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz, recebido em 2002. Confirma, nas *Notícias do Dia* de 19-07-2010, as notícias *ONU declara ‘Dia Internacional de Mandela’ em aniversário de ex-líder*, disponível em <http://migre.me/26mQW>, e *A homenagem do Soweto a Mandela*, disponível <http://migre.me/26mQW>. (Nota da IHU On-Line)

24 Veja SAMPSON, Anthony. *Country Boy: 1918-1934*. In: *Mandela: The Authorized Biography*. New York: Alfred A. Knopf, 2008. (Nota do entrevistado)

uma lógica de oposição (por exemplo, excluindo o outro que não é como eu) - que são fatores muito atuantes no cristianismo -, o ubuntu nos devolve à interconexidade dos seres humanos sem a presunção de semelhança.²⁵

Além disso, eu identificaria, com Nancy, “a essência do cristianismo como abertura: uma abertura do ‘eu’ e do ‘eu’ como abertura”²⁶. Assim, eu diria que o ubuntu nos ajuda a compreender a noção de “comunidade cristã” lembrando-nos de um tipo de *kenosis*²⁷ na busca da justiça que não espera para perguntar a quem você reza (ou não reza).

IHU On-Line - O senhor afirma que, à luz do ubuntu, “o perdão (...) deve se mostrar mais profundamente quando toda a esperança está perdida”. Em sociedades com forte violência e pobreza, como as africanas e as latino-americanas, qual a contribuição do ubuntu para a construção de uma sociedade mais justa?

Charles Haws - Escrevi em um artigo anterior que, para Tutu, “Deus, em Jesus Cristo, reconcilia a humanidade com o divino, afirmando a particularidade humana na particularidade de Jesus Cristo, ao mesmo tempo em que também conecta a humanidade

“O ubuntu não pode se limitar a dizer que o humano só pode se sentir plenamente humano em relação com a humanidade apenas”

à bondade universal de Deus”.²⁸ Essa ideia de reconciliação e de perdão é essencial ao cristianismo. O perdão da humanidade por Deus em Cristo e a formação da comunidade sobre esse fundamento caracteriza o cristianismo por excelência. Ter fé na possibilidade da reconciliação e do perdão segue e dá esperança quando toda a esperança está perdida. Tutu compreende que o perdão não é decorrência de mérito, que a reconciliação procede da convicção ubuntu - a percepção da interconexidade.

O perdão, mesmo em sociedades marcadas por violência e pobreza, efetiva-se, de acordo com o ubuntu, ao buscar a reconciliação, ao recusar perpetuar ciclos de sujeição à retaliação ou de responsabilização do tipo “toma lá, dá cá”. O ubuntu nos coloca estas perguntas: cremos que pertencemos a um todo maior e somos diminuídos quando outros são humilhados ou diminuídos, e, parafraseando Mandela, vamos perdoar, procurar a reconciliação - viver de acordo com o ubuntu - a fim de possibilitar que as comunidades ao nosso redor sejam capazes de melhorar?

28 HAWS, Charles G. *Suffering, Hope, and Forgiveness: The Ubuntu Theology of Desmond Tutu*. *Scottish Journal of Theology*, v. 62, p. 483, 2009. (Nota do entrevistado)

IHU On-Line - A partir do *ethos* do ubuntu, qual a compreensão da nossa relação com a natureza e da proteção das vidas de seres não humanos?

Charles Haws - Se compreendemos corretamente que “a humanidade de cada indivíduo se expressa em termos ideais na relação com outros” ou que “eu sou eu mesmo somente em relação com outros”, temos de perguntar até que ponto este “eu” - assim como esse “outro” - está limitado ao gênero *homo*. De fato, as questões sobre o que constitui a “humanidade” e qual será o legado do “humanismo” se renovam, pois a própria ideia de uma “humanidade” compartilhada - algo que o ubuntu defenderia - sofre sob o peso da história e capenga em crise. Para que o ubuntu não se associe ao mito da predominância da humanidade sobre a natureza ou *l’animot* (como escreve Derrida), ele não pode se limitar a dizer que o humano só pode se sentir plenamente humano em relação com a humanidade apenas. Repetindo: o que é o “humano” e de que forma ele se difere do “animal”?

Na busca do ubuntu por cultivar comunidade, responsabilidade e justiça nos seres humanos, ele certamente se opõe à exploração, presumivelmente também à exploração da natureza. Mesmo assim, a concepção científica ocidental da natureza, que provém do humanismo renascentista e glorifica a capacidade humana de explorar e controlar a natureza, vendo a natureza agora como uma distribuição probabilística de energia com uma tendência à entropia, não facilita um senso de justiça mais do que humano. Talvez os recentes desastres ambientais e suas devastações façam essa questão voltar à mesa de discussão.

25 Veja MORIN, Maria-Eve. *Putting Community Under Erasure: Derrida and Nancy on the Plurality of Singularities*. *Culture Machine*, 8, 2006. (Nota do entrevistado)

26 NANCY, Jean-Luc. *Dis-enclosure: The Deconstruction of Christianity*. Trad. Bettina Bergo, Gabriel Malenfant e Michael B. Smith. In: CAPUTO, John D. (ed.). *Perspectives in Continental Philosophy*. New York: Fordham University Press, 2008, p. 145. (Nota do entrevistado)

27 *Kenosis*: palavra grega que significa ‘esvaziamento’, ‘aniquilamento’. Tornou-se um conceito importante para a teologia cristã, pelo uso que faz Paulo de Tarso, na Carta aos Filipenses, capítulo 2, versículo 8. (Nota da IHU On-Line).

WWW.IHU.UNISINOS.BR

“Eu só existo porque nós existimos”: a ética Ubuntu

Para o teólogo congolês e doutor em sociologia Bas’Ilele Malomalo, toda existência é sagrada para os africanos, ou seja, há um pouco do divino em tudo o que existe. Por isso, “o Ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano”

POR MOISÉS SBARDELOTTO

“**S**ou porque nós somos”: em uma frase, esse seria o resumo da ética ubuntu. Porém, é na construção histórica e cultural dessa ética que nasce na África, que se encontra a sua riqueza. Para o filósofo e teólogo congolês Bas’Ilele Malomalo, toda existência é sagrada para os africanos, ou seja, há um pouco do divino em tudo o que existe. Por isso, “o ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano”.

É por isso que o suposto antropocentrismo que poderia estar por trás do ubuntu é “relativista”, segundo Malomalo, nesta entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. “O ser humano africano sabe que nem tudo depende da sua vontade”, afirma. “Esta depende também da vontade dos ancestrais, dos orixás”, em suma, do sagrado.

Por outro lado, ubuntu e felicidade são conceitos que andam juntos: “Na África, a felicidade é concebida como aquilo que faz bem a toda coletividade ou ao outro”. E quem é o meu “outro”? “São meus orixás, ancestrais, minha família, minha aldeia, os elementos não humanos e não divinos, como a nossa roça, nossos rios, nossas florestas, nossas rochas”. Dessa forma, resume Malomalo, para a filosofia africana, “o ser humano tem uma grande responsabilidade para a manutenção do equilíbrio cósmico”.

Bas’Ilele Malomalo é natural do Congo, África, e possui graduação em Filosofia pelo Grand Seminaire François Xavier - Filosoficum e em teologia pelo Instituto São Paulo de Estudos Superiores - Itesp. É mestre em ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo e é doutorando em sociologia pela Universidade Estadual Paulista - Araraquara. Atualmente é pesquisador do Centro dos Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Cladin-Unesp. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que é e quais as origens do ubuntu?

Bas’Ilele Malomalo - Etimologicamente, ubuntu vem de duas línguas do povo banto, zulu e xhosa, que habitam o território da República da África do Sul, o país do Mandela¹. Do ponto de vista filosófico e antropológico, o

ubuntu retrata a cosmovisão do mundo negro-africano. É o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino (Oludumaré/Nzambi/Deus, Ancestrais/Orixás), a comunidade (mundo dos seres humanos) e a natureza (composta de seres animados e inanimados). Esse pensamento é vivenciado por todos os povos da África negra tradicional e é traduzido em todas as suas línguas.

A origem do ubuntu está na nossa constituição antropológica. Pelo fato de a África ser o berço da humanidade e das civilizações, bem cedo nossos ancestrais humanos desenvolveram a consciência ecológica, entendida como pertencimento aos três mundos

apontados: dos deuses e antepassados, dos humanos e da natureza.

Com as migrações intercontinentais e a emergência de outras civilizações em outros espaços geográficos, essa mesma noção vai se expressar em outros povos que pertencem às sociedades ditas pré-capitalistas ou pré-modernas. É dessa forma que se pode afirmar que essa forma de conceber o mundo, na sua complexidade, é um patrimônio de todos os povos tradicionais ou pré-modernos. Cada um expressa isso através de suas línguas, mitos, religiões, filosofias e manifestações artísticas.

Como elemento da tradição africana, o ubuntu é reinterpretado ao longo da história política e cultural

¹ Nelson Rolihlahla Mandela (1918): advogado, líder rebelde e ex-presidente da África do Sul de 1994 a 1999. Principal representante do movimento antiapartheid, como ativista, sabotador e guerrilheiro. Considerado pela maioria das pessoas um guerreiro em luta pela liberdade, era tido pelo governo sul-africano como um terrorista. Em 1990 foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz, recebido em 2002. Confira, nas *Notícias do Dia* de 19-07-2010, as notícias *ONU declara ‘Dia Internacional de Mandela’ em aniversário de ex-líder*, disponível em <http://migre.me/26mWe>, e *A homenagem do Soweto a Mandela*, disponível <http://migre.me/26mQW>. (Nota da IHU On-Line)

pelos africanos e suas diásporas. Nos anos que vão de 1910-1960, ele aparece em termos do panafricanismo e da negritude. São esses dois movimentos filosóficos que ajudaram a África a lutar contra o colonialismo e a obter suas independências. Após as independências, estará presente na práxis filosófica do Ujama de Julius Nyerere², na Tanzânia; na filosofia da *bisoité* ou bisoidade (palavra que vem da língua lingala, e traduzida significa “nós”) de Tshiamalenga Ntumba; nas práticas políticas que apontam para as reconciliações nacionais nos anos de 1990 na África do Sul e outros países africanos em processo da democratização.

A tradução da ideia filosófica que veicula depende de um contexto cultural a outro, e do contexto da filosofia política de cada agente. Na República Democrática do Congo, aprendi que ubuntu pode ser traduzido nestes termos: “Eu só existo porque nós existimos”. E é a partir dessa tradução que busco estabelecer minhas reflexões filosóficas sobre a existência. Muitos outros intelectuais africanos vêm se servindo da mesma noção para falar da “liderança coletiva” na gestão da política e da vida social.

IHU On-Line - Como um princípio ético nascido na África, que manifestações do ubuntu podemos encontrar na cultura brasileira ou afro-brasileira, tão marcada por raízes africanas?

Bas’Ilele Malomalo - É preciso voltar à história para capturar as manifestações do ubuntu em suas diásporas transatlânticas. No Brasil, a noção do ubuntu chega com os escravizados africanos a partir do século XVI. Estes trouxeram a sua cultura nos seus corpos, e ela foi reinventada a partir do novo contexto da escravidão. Por isso, falar de ubuntu no Brasil é falar de solidariedade e resistência. Como outros registros histórico-antropológicos que expressam o “ubuntu afro-brasileiro”, podemos citar os quilombos, as religiões afro-brasileiras, irmandades ne-

² Julius Kambarage Nyerere (1922-1999): foi presidente da ex-república da Tanganica (atual Tanzânia), desde sua independência em 1962 e, posteriormente, da Tanzânia, até se retirar da política em 1985. Em 1985, foi-lhe atribuído o Prêmio Lênin da Paz. (Nota da IHU On-Line).

“Ubuntu é o elemento central da filosofia africana, que concebe o mundo como uma teia de relações entre o divino, a comunidade e a natureza”

gras, movimentos negros, congadas, moçambique, imprensas negras.

IHU On-Line - Como podemos compreender a religião ou o sagrado por meio do ubuntu? De que forma ele tenciona a noção religioso-transcendental?

Bas’Ilele Malomalo - Para os africanos e seus descendentes, toda existência é sagrada, quer dizer, há um pouco do divino em tudo o que existe. A religião, como instituição social e sistema simbólico, apresenta-se como o espaço privilegiado de alimentação da “consciência ubuntuística”. Através de seus ritos, seus sacerdotes e adeptos a reatualizam. Os mitos, as celebrações, os cantos e encantamentos desempenham essa função de nos religar com nossos deuses, antepassados, com a comunidade, conosco mesmos, com o cosmos e a natureza. Além dos ritos sagrados, os profanos também desempenham a mesma função mística. Na África, os ritos de iniciação, de entronização dos reis ou rainhas estão sempre conectados com a ancestralidade.

IHU On-Line - Dentro da ética ubuntu, qual é o papel do ser humano e da comunidade?

Bas’Ilele Malomalo - A concepção africana do mundo é antropocêntrica. Não no sentido absolutista da filosofia iluminista ocidental, que pensa que o ser humano é o centro do mundo e que ele pode tudo e pode fazer tudo o que quiser. O antropocentrismo africano é “relativista”. Quer dizer, o ser humano africano sabe que nem tudo depende da sua vontade. Esta depende também da vontade dos ancestrais, dos orixás.

Se estes revelarem, através de um sonho, de um Ifá, de um sacerdote, do seu pai ou da sua mãe, um acontecimento, será preciso prestar atenção.

Por outro lado, o antropocentrismo africano entende que uma boa prática religiosa só existe naquela que traz a felicidade para o ser humano. Como este não pode ser concebido fora das relações sociais, na África, a felicidade é concebida como aquilo que faz bem a toda coletividade ou ao outro. Os outros são meus orixás, ancestrais, minha família, minha aldeia, os elementos não humanos e não divinos, como a nossa roça, nossos rios, nossas florestas, nossas rochas. Dessa forma, para a filosofia africana, o ser humano tem uma grande responsabilidade para a manutenção do equilíbrio cósmico.

IHU On-Line - Em uma época de crise ecológica e ambiental, como o ubuntu pode nos ajudar a desenvolver uma nova relação com os demais seres não humanos?

Bas’Ilele Malomalo - Do ponto de vista filosófico, a crise planetária atual encontra suas raízes na expansão ocidental desde a Idade Média até o surgimento da modernidade. A hegemonia da “razão indolente” (Boaventura de Sousa Santos³) nas suas manifestações através do colonialismo, positivismo, racismo científico, capitalismo selvagem, tem sido o instrumento de aprofundamento dos males da nossa civilização. Esse pensamento absolutizou tanto o homem que este voltou-se contra suas divindades, contra a natureza e contra seus semelhantes. O seu “antropocentrismo absolutista” criou as condições de destruição da sua própria espécie e das espécies não humanas.

Qual é a saída que os pensamentos alternativos têm sugerido? Boaventura

³ Boaventura de Sousa Santos (1940-): doutor em sociologia do direito pela Universidade de Yale e professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. É um dos principais intelectuais da área de ciências sociais, com mérito internacionalmente reconhecido, tendo ganho especial popularidade no Brasil, principalmente, depois de ter participado nas três edições do Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Confira a entrevista especial concedida por Boaventura às *Notícias do Dia* do IHU, em 30-01-2010, disponível em <http://migre.me/2K7Hy>, intitulada *O Fórum Social Mundial desafiado por novas perspectivas*. (Nota da IHU On-Line)

de Sousa Santos alega que é preciso acionar a “razão cosmopolita”; Edgar Morin⁴ sugere o uso de uma epistemologia da complexidade; Leonardo Boff⁵ tem sugerido a espiritualidade ecológica. É na busca da união umbilical, afirma Boff, que se encontraria a salvação da humanidade, a superação da crise ecológica atual.

Na filosofia africana, Tshiamalenga Ntumba tem interpretado o ubuntu em termos de *Bisoidade*. Tal prática se caracterizaria pela abertura ao diferente, encará-lo como parte de nós. Nessa direção, o mundo da fé, das divindades, dos orixás, dos ancestrais deve dialogar com o mundo dos seres humanos e não humanos (natureza/cosmos). Esse conceito vislumbra o encontro ético e político do “Nós”. Trata-se do “nós ecológico”. Para esse filósofo congolês, a existência significa uma interação entre as três dimensões da cosmovisão africana. As crises políticas, econômicas, culturais e sociais que têm afetado o continente africano, para ele, ocorrem porque o ser humano se esqueceu de cuidar do “biso” ou do “nós ecológico”.

Dessa forma, antes dos humanos cuidarem dos não humanos, precisam cuidar da sua casa. Quer dizer, rever suas práticas filosóficas e científicas dentro dos parâmetros éticos. Uma vez

4 Edgar Morin (1921-): sociólogo francês, autor da célebre obra *O Método*. Os seis livros da série foram tema do Ciclo de Estudos sobre “O Método”, promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos em parceria com a Livraria Cultura, de Porto Alegre, em 2004. Embora seja estudioso da complexidade crescente do conhecimento científico e suas interações com as questões humanas, sociais e políticas, se recusa a ser enquadrado na Sociologia e prefere abarcar um campo de conhecimentos mais vasto: filosofia, economia, política, ecologia e até biologia, pois, para ele, não há pensamento que corresponda à nova era planetária. Além de *O Método*, é autor de, entre outros, *A religião dos saberes. O desafio do século XXI* (Bertrand do Brasil, 2001). (Nota da IHU On-Line)

5 Leonardo Boff (1938-): teólogo brasileiro, autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line, número 209, de 18-12-2006, e concedeu uma entrevista sobre a *Teologia da Libertação* na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007. Sua contribuição mais recente à nossa revista aconteceu na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, com a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*. (Nota da IHU On-Line)

“Na República Democrática do Congo, aprendi que o ubuntu pode ser traduzido nestes termos: ‘Eu só existo porque nós existimos’”

feito isso, poderiam ter condições de cuidar do meio em que vivem. Insisto nisso, porque há um certo pensamento ambientalista ligado à razão indolente. Muitos falam do meio ambiente para lucrar. Essa opção leva esses ativistas e cientistas a ocultar as misérias humanas. O ubuntu é uma crítica à visão simplista e interesseira. Pensar o desenvolvimento ambiental nessa perspectiva é perceber, como Boff, que deve se levar as coisas no contexto da dialética da complexidade, na qual o teológico, o antropológico e o cosmológico-ambiental dialogam sabiamente. Somos nós, os humanos, que devemos procurar o estabelecimento desse equilíbrio planetário. As responsabilidades têm que ser apuradas, e evitar o discurso da hipocrisia burguesa.

IHU On-Line - Como interpretar nossa memória, nosso passado, nossa ancestralidade a partir do ubuntu?

Bas’Ilele Malomalo - Na filosofia negro-africana, a ancestralidade é eixo do entendimento da nossa existência. É tudo aquilo que nos proporciona a vivência do nosso presente (*sasa*, em swahili) e nosso futuro (*lobi*, em lingala), tendo aqueles que pertencem ao passado (*zamani*, em swahili), os que nos antecederam, divindades, orixás e antepassados como ponto de leitura das duas primeiras dimensões da existência.

A vontade das divindades, geralmente, concretizam-se pelas vontades dos orixás e ancestrais presentes na sabedoria popular, nos mitos. Os sacerdotes e pessoas mais velhas vivas têm o papel de interpretá-la através dos ritos e práticas do cotidiano.

Desse ponto de vista, os mitos e

ritos africanos têm por função pedagógica lembrar aos vivos o seu parentesco com os seres do mundo invisível e visível (seres humanos e seres não humanos). Todos os mitos africanos se pautam nessa lógica. Como os mitos judaicos, os mitos africanos nos informam que os seres humanos têm um pouco de divino; cada um é filho de um orixá; e um pouco da natureza. Conta um mito da criação que Oludumaré (Deus supremo) deu ao orixá Obatalá a missão de criar o ser humano, e este o fez a partir do barro (elemento da natureza). Eis a nossa irmandade planetária. A cosmovisão africana do mundo tem uma importância no sentido de contribuir para o pensamento ecológico contemporâneo.

IHU On-Line - Em uma sociedade embasada em valores ocidentais e modernos como a nossa, que questionamentos políticos, econômicos e sociais o ubuntu pode fomentar?

Bas’Ilele Malomalo - O ubuntu pertence ao pensamento alternativo, que cogita o mundo a partir da complexidade. É oportuno reafirmar que toda filosofia carrega valores e antivalores. Para a filosofia de ubuntu, não se pode falar de economia e política sem levar em consideração os valores da comunidade cósmica. Os profissionais de todos os campos da teologia, das ciências sociais e da natureza, políticos, o homem e a mulher comuns, todos devem ser ouvidos. O ubuntu luta contra os reducionismos impostos pela razão indolente no fazer política e economia. A democracia participativa em todos os campos é tida como um valor. A economia não se reduz ao crescimento. Este tem a ver também com o social e com o cultural. O valor de solidariedade é também importante.

IHU On-Line - Diante da violência e das desigualdades, que significado têm o perdão, a reconciliação e a compaixão para a ética ubuntu?

Bas’Ilele Malomalo - É preciso dizer, primeiro, que as vítimas da violência e das desigualdades são aquelas que compõem a classe dos excluídos por motivos raciais, de gênero, de opção sexual ou religiosa. Os seres não humanos também pertencem a essa classe

dos dominados pelo fato de interagir com as classes dominantes, agentes da razão indolente, de uma forma desigual. Com isso, estou querendo afirmar a historicidade da violência e das desigualdades.

Olhando para a história africana e da sua diáspora brasileira, quero citar alguns casos em que o ubuntu se materializou ou foi tensionado para ser traduzido em termos de perdão, reconciliação e compaixão.

A África do Sul, após a libertação de Mandela e o fim do apartheid, colocou-se como o exemplo histórico da tradução do ubuntu no projeto político multicultural. Esse país, através de suas lideranças políticas, religiosas e sociais, soube fazer uso dos princípios éticos dessa filosofia através do estabelecimento da Comissão da Verdade e Reconciliação. Tratava-se da recriação de um espaço de diálogo da comunidade de inspiração nos “palabres africanos”. *Palabre* é uma palavra francesa, que se refere aos espaços de mediação de conflitos da comunidade, que contam com a habilidade do uso da palavra por parte dos mais velhos ou sábios. Não se tratava de um espaço de condenação dos torturadores ou racistas, mas sim de um encontro do povo sul-africano consigo mesmo, com seus problemas do passado, com o seu presente e com o seu futuro a ser construído. Um encontro com a sua memória de dor, sofrimento e de esperança. Após esse processo, esse país se define hoje como uma Nova África do Sul, que se reconhece como um país multicultural, onde brancos e negros podem conviver juntos. Dessa forma, o *zamani* [passado] de sofrimento se transformou num *sasa-lobi* [presente-futuro] de esperança.

Em 2001, com a Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata (31 de agosto a 8 de setembro de 2001), em Durban, na África do Sul, as vítimas do escravismo colonial europeu, africanos e seus descendentes, exigiram aos Estados europeus, americanos e africanos um pedido de perdão pelos atos cometidos. Os Estados africanos através do representante da União Africana o fizeram, mas da

“Para a filosofia do ubuntu, não se pode falar de economia e política sem levar em consideração os valores da comunidade cósmica”

parte dos dirigentes dos outros Estados houve resistência. Pois muitos não queriam assumir a sua responsabilidade histórica. Afinal de contas, a conferência condenou a escravidão como crime contra a humanidade.

Esses dois exemplos devem inspirar todas as sociedades multiculturais que pretendem propiciar um destino melhor para todos os seus cidadãos. Os países africanos que ainda brigam por causa da hegemonia política ou da gestão dos recursos naturais; os países da América Latina, como o caso do Brasil, onde as sequelas do escravismo e do racismo dividem, proporcionando aos seus cidadãos o acesso aos direitos políticos, econômicos, sociais e culturais de forma diferenciada, devem se servir dos exemplos citados, para que o ubuntu se torne uma profecia da esperança cumprida.

No caso dos países africanos em situação das ditaduras militares, da democracia de fachada ou da democracia fraca e do pós-conflito, cabe apelar ao ubuntu como uma nova forma de se pensar e fazer política. Governar, nesse sentido, significa ouvir os opositores, presentes em outros partidos políticos, nas organizações da sociedade civil, nas aldeias para a elaboração de um projeto nacional coletivo. Perdoar significa também fazer justiça em relação às mulheres vítimas de estupros, de genocídios, de matanças por razões de egoísmo dos senhores de guerras africanas. Reconciliação, nesse contexto, significa esclarecimento perante a comunidade dos problemas que afetam as nações, e a partilha das responsabilidades. É uma volta à memória ancestral, aos valores africanos do passado, mas atualizados no presente, e o seu uso no exercício de fa-

zer a política na modernidade. Nesse aspecto, a legitimidade dos dirigentes se fundamenta na prática da lealdade, na busca do bem-estar do povo, e não o contrário.

IHU On-Line - Em um contexto social como o brasileiro, como a ética ubuntu pode contribuir na situação contemporânea?

Bas’Ilele Malomalo - Uma coisa que o ubuntu tem para nos ensinar, nesse momento histórico de experimentação de políticas públicas de ações afirmativas e cotas, é a consideração dos elementos de perdão, reconciliação e compaixão. Para mim, perdoar significa antes de tudo a identificação das causas de nossos males. Os males, que justificam a situação do subdesenvolvimento da população negra quando comparada com a branca, têm nomes: o nosso passado escravista e o racismo contemporâneo. Há outros fatores, mas esses dois são suficientes. Para a teologia afro-brasileira, eles são identificados aos pecados.

As instituições e as pessoas reprodutoras dessas práticas têm que assumir suas responsabilidades perante Deus e a humanidade. Num país de maioria cristã como o Brasil, exercer a compaixão significa colocar-se no lugar do outro. As Igrejas cristãs como parte da sociedade civil brasileira devem exercer o seu papel profético ao lado das igrejas, comunidades, pastores negros, em vez de ficar “em cima do muro”. A Igreja latino-americana dos anos 1970 precisa voltar. O grito de *Maranata* aqui significa que as comunidades religiosas têm o dever ético de fazer ouvir a sua voz e interagir no debate atual sobre as políticas públicas para negros e indígenas.

Reconciliação na perspectiva do ubuntu, no Brasil atual, é um encontro entre nós mesmos, com o nosso passado de dor, resistência e esperança. É um encontro entre nós mesmos como povo brasileiro. Um povo marcado pela miscigenação emancipatória e não um falso discurso de miscigenação colonialista. A diferença é que o primeiro discurso assume a pluralidade como valor, já o segundo o nega e o encara como uma ameaça.

As relações entre o “eu” e o “outro”: o ubuntu como prática ética da singularidade

No ubuntu, fazer justiça a alguém tem a ver com cuidar da sua singularidade como uma pessoa única, explica a filósofa e advogada norte-americana Drucilla Cornell. Por isso, o ubuntu pode ser extremamente útil para as feministas ou demais grupos de direitos humanos

POR MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO LUÍS MARCOS SANDER

Singularidade e alteridade: entre a relação tensa entre esses dois âmbitos, o ubuntu pode ser um caminho para se entender - e para ser - humano. Para a professora da Rutgers University, dos Estados Unidos, Drucilla Cornell, a ética do ubuntu nos ajuda a perceber que “viemos a um mundo com obrigações para com os outros, e esses outros têm obrigações para conosco”, pois são eles que nos ajudam “a encontrar nosso caminho para nos tornarmos uma pessoa única e singular”.

Por isso, ela descarta qualquer aproximação entre o ubuntu e o conceito de comunitarismo. Diferentemente deste, o ubuntu nos leva a “realizar uma individualidade verdadeira e nos erguer acima de nossa mera distintividade” por meio “do envolvimento e do apoio aos outros”, explica.

Em suma, segundo Drucilla, “o ubuntu está intermitentemente conectado ao porquê e ao como o ser humano é uma prática ética”. Isso se explica pelo fato de que “sempre nascemos com obrigações para com os outros e não podemos escapar delas, assim como elas, por sua vez, têm de ser pessoas éticas na medida em que nos ajudam a formar nosso caminho para nos tornarmos pessoas”.

Drucilla Cornell é professora de Ciências Políticas, Literatura Comparada e Estudos da Mulher da Rutgers University, de Nova Jersey, nos Estados Unidos. Também é professora visitante das University of Pretoria, na África do Sul, e do Birkbeck College, da Universidade de Londres. Antes de começar sua vida acadêmica, Cornell foi líder sindical e feminista ativa durante muitos anos. Doutorou-se em direito pela University of California, em 1981. Ela também produziu um documentário sobre a ética do ubuntu, intitulado *ubuntu Hokae*. De 2008 até o final de 2009, Cornell foi professora da cátedra em direito, valores indígenas e jurisprudência da National Research Foundation, na University of Cape Town, na África do Sul. Ela fundou o projeto Ubuntu em 2003 e continua sendo sua codiretora junto com Chuma Himonga, no qual se busca compreender a importância do ubuntu na nova África do Sul e sua possível tradução na lei e no direito. É autora de diversos livros sobre teoria crítica e feminismo, como *Feminismo como Crítica da Modernidade* (Rosa dos Tempos, 1987), de coautoria de Seyla Benhabib. Destacamos também seu artigo *Interpreting ubuntu: Possibilities for Freedom in the New South Africa*, escrito com Karin van Marle. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como a senhora interpreta o conceito ubuntu?

Drucilla Cornell - Ubuntu é uma noção fundamentalmente ética do que significa ser um ser humano. Por conseguinte, é um aspecto crucial do que veio a ser conhecido como humanismo africano. É claro que o ubuntu teve certa importância na política sul-africana e foi muitas vezes aplicado como uma ideologia nacionalista africana.

Há razões importantes para reconhecer os valores africanos como cruciais para o diálogo da humanidade, já que eles foram excluídos durante muito tempo. Mas o ubuntu, como uma ética em que praticamos o que significa ser humano em nossas atividades cotidianas, não se justifica apenas devido a suas raízes indígenas na África do Sul, mais especificamente nas línguas zulu e xhosa. Por isso, uma ética como o

ubuntu será sempre contestada, e é um erro reduzi-la a uma ideologia nacionalista africana.

IHU On-Line - Como um princípio ético, quais são seus pilares fundamentais? Podemos encontrar algumas similaridades com outras escolas de pensamento filosófico?

Drucilla Cornell - Sabe-se que, na tradição xhosa e zulu, quando os bebês

nascem, seu cordão umbilical é enterado, e o local do enterro assinala o início de sua jornada a se tornar uma pessoa. A realização da singularidade como pessoa sempre é um projeto inseparável das obrigações éticas nas quais se participa, de uma forma ou de outra, desde o início da vida. Nós nascemos dentro de uma língua, de um grupo de parentes, de um orgulho, de uma nação, de uma família. Mas essa inscrição não pode ser simplesmente reduzida a um fato social. Viemos a um mundo com obrigações para com os outros, e esses outros têm obrigações para conosco no sentido de nos ajudar a encontrar nosso caminho para nos tornarmos uma pessoa única e singular.

Seria um equívoco profundo confundir o ubuntu com o conceito anglo-americano de comunitarismo. É só por meio do envolvimento e do apoio aos outros que somos capazes de realizar uma individualidade verdadeira e nos erguer acima de nossa mera distintividade. Poderíamos, portanto, dizer que uma pessoa está eticamente entrelaçada com os outros desde o início. Esse entrelaçamento não constitui quem elas são e quem devem se tornar. Pelo contrário: cada um de nós precisa encontrar uma forma de se tornar uma pessoa singular em relação ao resto. Nessa singularidade, elas se tornam alguém que define suas próprias responsabilidades éticas à medida que vai se tornando uma pessoa. Se, então, uma comunidade está comprometida com a individuação e a realização de um destino único para cada pessoa - muitas vezes dissecada pelo nome, mas não determinada por ele -, então a pessoa tem obrigações para com a comunidade que a apoia, não simplesmente como um dever abstrato correlacionado com direitos, mas é uma forma de participação que permite que uma comunidade busque ser fiel à diferença e à singularidade. Parte dessa diferença é que também somos chamados a fazer a diferença contribuindo para a criação e a manutenção de uma comunidade humana e ética.

IHU On-Line - Para a ética do ubuntu, qual é o significado e a importância da justiça e do direito?

“A realização da singularidade como pessoa sempre é um projeto inseparável das obrigações éticas nas quais se participa desde o início da vida”

Drucilla Cornell - Obviamente, o ubuntu tem implicações importantes para o significado do direito, da justiça e da reconciliação. Para o grande filósofo africano Kwasi Wiredu¹, a diferença participativa - em que cada um de nós é diferente - se confunde com o princípio da imparcialidade simpática, em que procuramos imaginar a nós mesmos e aos outros como seres singularmente únicos. A imparcialidade simpática, nesse sentido singular, nos chama não a buscar a semelhança, mas a imaginar os outros em sua diferença com relação a nós. O problema de como desenvolvemos tal ligação com a alteridade - crucial para a justiça e, com efeito, para qualquer sistema jurídico - explica-se em parte porque já estamos tentando desenvolvê-la com os outros e eles são, em um sentido profundo, parte de nós.

Os críticos do ubuntu, incluindo os críticos que confundem o ubuntu com uma modalidade obsoleta de coesão e hierarquia social, cometem o erro de reduzir o ubuntu a uma ontologia ética de um mundo supostamente compartilhado. O que se deixa de perceber nessa crítica é justamente o ativismo inerente à diferença participativa que marca cada um de nós como a nossa própria pessoa. O ubuntu contém claramente um fim aspiracional e ideal

¹ Kwasi Wiredu (1931-): um dos filósofos vivos mais importantes da África, Wiredu nasceu em Kumasi, em Gana. Estudou na University of Ghana, em Legon. Após graduar-se em 1958, foi para a University College, em Oxford, na Inglaterra. Foi professor na University College of North Staffordshire (agora University of Keele). Retornou para a Universidade de Gana, onde foi o primeiro chefe do departamento de filosofia. Hoje, é professor na University of South Florida, em Tampa, nos EUA. (Nota da IHU On-Line)

- produzir um mundo humano e tornar-se uma pessoa nesse mundo humano para fazer uma diferença nele é algo que não tem fim. Portanto, o ubuntu acarreta um vínculo social, que está sempre sendo remoldado pelas exigências éticas que ele coloca a seus participantes. O ubuntu condensa, em sentido profundo, as obrigações morais dos seres humanos que devem viver juntos, o que constitui a base de qualquer noção do direito que vai além da limitada noção anglo-americana do direito. O ubuntu implica em uma moralização fundamental das relações sociais, e essa moralização é o aspecto imutável do ubuntu, que nos ensina que nunca podemos escapar do mundo ético que compartilhamos. Mas quero mais uma vez deixar claro o que é o ubuntu: não é perdão na acepção cristã; no ubuntu, se um mal foi cometido por alguém na comunidade, então seria necessário que o malfeitor compensasse a pessoa à qual fez o mal. O perdão é um conceito cristão que, às vezes, foi imposto na Comissão da Verdade e Reconciliação da África do Sul sobre a noção de ubuntu e não faz justiça a essa noção.

IHU On-Line - Qual é o valor do ser humano e da vida humana para o ubuntu?

Drucilla Cornell - Como vimos, o aspecto aspiracional do ubuntu é de que precisamos nos esforçar juntos para alcançar um bem público em um mundo compartilhado, de modo que possamos sobreviver e florescer, cada um e cada uma de nós em sua singularidade. Mas, ao mesmo tempo, cada um de nós em nossas relações éticas está produzindo o que significa ser um ser humano - um ser humano ético. É a inserção do ubuntu em nossas relações que a torna transformadora em seu cerne, e essa transformação nunca pode ser eliminada da moralização das relações sociais. Teria sido absurdo há 500 anos se o ubuntu tivesse exigido eletricidade, já que nem havia acesso à eletricidade. Agora, entretanto, não é nada absurdo fazer tal proposta, porque a eletricidade é parte integrante da vida humana na sociedade moderna. Por conseguinte, o ubuntu está intermitentemente conectado ao

porquê e ao como o ser humano é uma prática ética. O ubuntu tem implicações importantes para a noção do que significa ter uma vida humana: em última análise, que a vida humana deve ser uma vida ética.

Por isso, ele tem certa ressonância com o pensador Immanuel Kant². Para ele, diferentemente de quase todos os outros pensadores do mundo ocidental, a liberdade é inseparável da obrigação. Em Kant, é ao menos uma possibilidade prática que os seres humanos se postulem como autônomos, na medida em que podem formular uma lei entre si mesmos. Assim, podemos, por sua vez, nos representar como livres de nossos desejos cotidianos que nos impulsionam e, com efeito, nos tratam duramente. A relação entre o âmbito da liberdade interior (da moral), e o âmbito da liberdade exterior (do direito ou *Recht*), tem sido muito debatida na pesquisa sobre Kant. Mas está claro que precisa haver uma ligação entre os dois. Se não houver ligação, não há terreno para a liberdade exterior em que coordenamos mutuamente nossos fins.

É exatamente por isso que o experimento hipotético kantiano na imaginação, em que podemos configurar as condições em que os seres humanos podem aspirar ao grande ideal do Reino dos Fins³, desperta a possibilidade

2 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo, indiscutivelmente um dos seus pensadores mais influentes da Filosofia. Kant teve um grande impacto no Romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século XIX, tendo esta faceta idealista sido um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou *noumenon*), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-03-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título *Kant: razão, liberdade e ética*, disponível para download em <http://migre.me/uNrH>. Também sobre Kant foi publicado este ano o *Cadernos IHU em formação* número 2, intitulado *Emmanuel Kant - Razão, liberdade, lógica e ética*, que pode ser acessado em <http://migre.me/uNrU>. (Nota da IHU On-Line)

3 O conceito de Reino dos Fins foi trabalhado pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1724-

“Vimos a um mundo com obrigações para com os outros, e esses outros têm obrigações para conosco”

de que, como criaturas da razão prática, podemos harmonizar nossos fins, o que nos permite reconciliar a obrigação com a liberdade. Essa reconciliação também é crucial para o ubuntu, o que explica por que Kant continua desempenhando um papel tão importante na herança intelectual do humanismo africano.

IHU On-Line - A partir do ubuntu, como o ser humano pode e deve se relacionar com a natureza? Que tipo de relação deve haver entre os seres humanos e não humanos?

Drucilla Cornell - O ubuntu, assim como expusemos anteriormente, tem a ver primordialmente com uma prática de ser humano que seja ética. Houve, entretanto, uma série de pensadores do ubuntu que tentaram sustentar que essa forma de praticar a humanidade implica efetivamente uma relação muito diferente e não exploradora com a natureza e a proteção da vida dos seres não humanos. É claro que, no humanismo africano, a noção do humano é expandida para incluir quase todo o mundo na comunidade humana.

Dito isso, o ubuntu é uma forma de ser humano que não desperta nenhuma capacidade que nos separe dos animais, mas nos devolve a uma relação mais holística com a natureza. Acredito que o ubuntu pode ser um conceito muito útil para repensar nossas obri-

1804) como a “ligação sistemática, por meio de leis comuns, tanto de diversos seres racionais enquanto fins em si, como também dos próprios fins que cada ser racional se dê” (em sua obra *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, 1785). Assim, o conceito de pessoa autônoma tem, portanto, duas características centrais: uma dignidade absoluta - uma pessoa é fim em si mesma, e não meio para outros fins - e a sociabilidade - a pessoa é membro de um reino de pessoas, o reino dos fins, no qual o ser racional é o legislador universal, exercendo a sua vontade. (Nota da IHU On-Line)

gações para com os animais, indo além da noção jurídica de direitos animais.

IHU On-Line - Como o ubuntu pode enriquecer as culturas e a ética das sociedades não africanas?

Drucilla Cornell - Um dos meus alunos de pós-graduação está trabalhando atualmente em uma tese que sustenta que a noção de Amartya Sen⁴, segundo a qual liberdade é desenvolvimento, pode ser melhor concebida através da herança intelectual do humanismo africano. Em seu mais recente livro, *The Idea of Justice* (Cambridge: Belknap Press/Harvard University Press, 2009), o próprio Sen sustenta que precisamos introduzir ideias de diferentes heranças intelectuais em nossos diálogos sobre a justiça. Mas nem mesmo o melhor diálogo nos levaria necessariamente a um acordo.

Em última análise, o ubuntu nos ajuda a entender por que o conflito é sempre inevitável entre os seres humanos e por que nem mesmo uma ética da solução de conflitos jamais levará necessariamente a um conjunto único de princípios éticos ou a regras jurídicas.

No direito, o ubuntu sempre desempenhou um papel importante ao nos lembrar que precisamos olhar para o contexto, por exemplo, de por que um determinado indivíduo roubou um carro, ao invés da lei do sentido do roubo de carros. É essa insistência de que olhemos para o conflito e o resolvamos que tornou o ubuntu tão importante em várias áreas de peso do direito constitucional na África do Sul atualmente - incluindo a jurispru-

4 Amartya Sen (1933): economista indiano. Em 1998, a Real Academia da Suécia conferiu o prêmio Nobel de Economia a Sen “por devolver uma dimensão ética ao debate dos problemas econômicos vitais”. Foi galardoado com o prêmio em memória de Alfred Nobel das ciências econômicas, pelas suas contribuições ao Welfare Economics. Autor do livro *Desenvolvimento com liberdade*, publicado em 2000. As ideias de Sen foram abordadas no *Ciclo Repensando os Clássicos da Economia - Quarta com Cultura Unisinos*, em 12 de abril, pelo Prof. Dr. Flávio Vasconcellos Comim (UFRGS), e voltaram a debate em 02-08-2006 no II *Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia*, na Unisinos. Para maiores detalhes, confira a entrevista concedida por Comim à edição 175, de 10 de abril de 2006, sob o título *Amartya Sen e uma nova ética para a economia*. O material está disponível para download na página www.unisinos.br/ihu. (Nota da IHU On-Line)

dência muito importante que está se desenvolvendo em torno dos direitos sociais e econômicos.

Por isso, em um sentido profundo, o ubuntu tem muito a nos ensinar sobre a cultura e a ética africanas, porque ele nos ajuda a pensar sobre o sentido do desenvolvimento como liberdade, pois entendemos que a liberdade tem um vínculo intrínseco com nossas obrigações para com os outros.

IHU On-Line - De que forma o ubuntu nos ajuda a repensar as questões de gênero ou feministas hoje?

Drucilla Cornell - O ubuntu foi muitas vezes criticado por feministas que sustentam que ele oferece uma ética patriarcal em que as mulheres são necessariamente colocadas abaixo dos homens. Como sustentei, o ubuntu não nos dá uma ontologia social estática. Pelo contrário, ele é uma noção ativa de como nos tornamos humanos em nossa própria prática cotidiana da ética.

Então, o que isso tem a ver com o feminismo? Pense-se, por exemplo, no caso Shilubana⁵, em que uma mulher se tornou chefe. A associação de mulheres da área rural sustentou vigorosamente que o direito consuetudinário vivo da África do Sul, incluindo a ética do ubuntu, sempre permitiu que se desse grande flexibilidade ao que é a resposta certa em uma situação específica, que não pode ser reduzida a uma noção jurídica do que a lei nos diz o que fazer. Assim, no caso de uma mulher da área rural, elas argumentaram que o direito consuetudinário sempre foi flexível e que elas buscavam a justiça para permitir que uma mulher se tornasse chefe.

Por isso, discordo dos críticos que dizem que o ubuntu implica em uma ontologia social que necessariamente implica em desigualdade de gênero.

5 Em 1968, o líder do povo valoyi, na África do Sul, faleceu. Sua filha única, Tinyiko Shilubana, assumiu seu lugar. Porém, foi desqualificada em virtude de seu gênero, pois a lei e os costumes da tribo afirmam que apenas homens podem ser chefes - ou *Hosi*. Assim, seu tio Richard assumiu o posto de *Hosi*. Em 2001, antes de morrer, Richard devolveu a liderança do clã para Shilubana. Mas seu primo, então, quis assumir o lugar do falecido *Hosi*. O caso chegou até a Corte Constitucional, e, após diversas derrotas, Shilubana finalmente venceu o processo em 2008. (Nota da IHU On-Line)

“O ubuntu tem implicações importantes para a noção do que significa ter uma vida humana: em última análise, que a vida humana deve ser uma vida ética”

Essa é uma compreensão equivocada da noção muito ativa do ubuntu como uma virtude ética em que damos vida ao nosso ser humano através de nossas ações para com os outros.

IHU On-Line - Em sua opinião, como o ubuntu pode ser uma alternativa - ou fomentar algumas alternativas - para a modernidade capitalista neoliberal e à cultura ocidental?

Drucilla Cornell - Muitos dos movimentos de base apelam ao ubuntu como uma forma de justificar sua própria militância de base e, de fato, seu apelo a uma ética socialista. Parte da razão pela qual os valores nativos são aplicados é, sem dúvida, por causa do legado colonial da borracha, do apagador. Como observei repetidamente em minhas respostas, essa não é a forma pela qual o ubuntu se justifica. O ubuntu se justifica como uma prática ética universalizável do que significa ser um ser humano, visto que temos sempre, desde o início, obrigações para com os outros e precisamos expandir as necessidades de nossa humanidade tanto quanto possível para incluir todos aqueles que podem estar excluídos do registro da humanidade.

Assim, não surpreende que muitas pessoas relacionem o ubuntu com a noção de Karl Marx⁶ segundo a qual uma

6 Karl Heinrich Marx (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século XX. Marx foi estudado no Ciclo de Estudos Repensando os Clássicos da Economia. A edição número 41 dos Cadernos IHU Ideias, de autoria de Leda Maria Paulani tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em

sociedade comunista se basearia na ideia “de cada um de acordo com sua capacidade, a cada um de acordo com sua necessidade”. Essa é, com efeito, a ética mais individuada da justiça que se possa imaginar. O ubuntu entende por que essa noção de obrigação e de nossas próprias responsabilidades como pessoas com capacidades não tornaria necessário que tentássemos alcançar o máximo possível por nossa própria conta. Mas, ao invés disso, ele nos leva a criar uma comunidade justa em que possamos viver junto com outras pessoas.

Lembrem-se de que há uma verdade no ubuntu: sempre nascemos com obrigações para com os outros e não podemos escapar delas. Assim como elas, os outros, por sua vez, têm de ser pessoas éticas na medida em que nos ajudam a formar nosso caminho para nos tornarmos pessoas.

Isso nos leva a um último aspecto de por que o ubuntu é importante para as feministas. Muitas feministas sustentam que existe um conflito, ou ao menos uma tensão, entre a justiça e o cuidado. Mas, no ubuntu, fazer justiça a alguém sempre tem a ver com cuidar da sua singularidade como uma pessoa única. Por isso, o ubuntu pode ser extremamente útil para as feministas que veem isso como uma tensão que não pode ser superada. Em última análise, o ubuntu inspirou muitos movimentos a se chamarem explicitamente de socialistas ou até a praticarem o comunismo vivo ao procurarem corresponder às obrigações cotidianas que todos nós aceitamos se entendemos que as relações sociais mútuas são primordialmente éticas e que isso inclui a nossa noção de eu-econômico, que é completamente incompatível com a visão capitalista de mundo.

<http://migre.me/s7lq>. Também sobre o autor, confira a edição número 278 da IHU On-Line, de 20-10-2008, intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível para download em <http://migre.me/s7lq>. Leia, igualmente, a entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira à edição 327 da revista IHU On-Line, de 03-05-2010, disponível para download em <http://migre.me/Dt7Q>. (Nota da IHU On-Line)



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

B.

Destques da Semana

Entrevistas da Semana

As UPPs. Uma incógnita

Na visão de Eduardo Tomazine Teixeira, ainda é cedo para julgar as implicações das Unidades de Polícia Pacificadora nas favelas ocupadas no Rio de Janeiro, a sua relação com a instituição policial da qual elas fazem parte e, ainda, as suas consequências para o espaço da cidade como um todo

POR GRAZIELA WOLFART

“Isso precisa ser denunciado: a violência causada por uma política econômica liberal”. A opinião é de Eduardo Tomazine Teixeira, em entrevista que segue, concedida por e-mail para a IHU On-Line. Na entrevista ele analisa a guerra ao tráfico no Rio de Janeiro e sobre o papel das Unidades de Polícia Pacificadora - UPPs. Para Eduardo é preocupante o modo como está sendo conduzida essa guerra ao tráfico no estado do Rio, principalmente “a famigerada utilização das Forças Armadas para a segurança pública interna”. E explica: “ao Estado, o uso das Forças Armadas para estes fins até pode ser conveniente, usando a massa ociosa do contingente militar e desonerando, assim, o investimento em polícia. Seria, digamos, a solução neoliberal para a segurança pública. Agrada também a uma opinião pública cada vez mais conservadora, manipulada pelo discurso oficial que é reproduzido e ampliado pela grande mídia. Mas os riscos para a democracia são evidentes. Primeiro porque as Forças Armadas não têm preparo para exercer funções de polícia. Depois, e, sobretudo, pelo imaginário que se fortalece entre a população, desrespeitamos a constituição em prol da manutenção da ordem. Isto não nos deveria lembrar alguma coisa?”, provoca.

Eduardo Tomazine Teixeira é bacharel e mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Atualmente é mestrando em Ciência Política na Universidade de Paris VIII, na França, onde reside. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como você vê a presença da Polícia Pacificadora no Rio de Janeiro e em situações particulares como a que a cidade vive?

Eduardo Tomazine - Antes de falar sobre as Unidades de Polícia Pacificadora em si mesmas, acho interessante destacar a associação, feita na própria pergunta, sobre os atuais acontecimentos no Rio e as UPPs. É preciso reconhecer que a estratégia de comunicação social do governo do Estado - com o apoio da grande mídia - foi vitoriosa, pois as pessoas aceitaram a explicação dos ataques como uma reação dos traficantes de drogas à implementação progressiva das UPPs (mesmo que nem todos confiem muito nisso). Isso significa que a opinião pública foi conduzida a

acreditar que o Rio de Janeiro tem uma política de segurança pública que vem sendo eficaz e que os narcotraficantes estão desesperados pela perda do seu poder. Fazer esse tipo de manobra com a opinião pública parece algo óbvio, dado, mas não é. Basta lembrar o que aconteceu quando dos ataques do PCC¹ em São Paulo em 2008: na ocasião, a opinião pública considerou o estado

¹ Primeiro Comando da Capital (PCC): organização de criminosos existente no Brasil, criada para defender os direitos de cidadãos encarcerados no país. Surgiu no início da década de 1990 no Centro de Reabilitação Penitenciária de Taubaté, local que acolhia prisioneiros transferidos por serem considerados de alta periculosidade pelas autoridades. Hoje a organização é comandada por presos e foragidos principalmente no estado de São Paulo. (Nota da IHU On-Line)

paulista como refém da facção agressora. Eu diria que, se hoje o estado do Rio de Janeiro, após uma situação de crise tão grave como a atual, saiu com a sua imagem fortalecida diante da opinião pública, isto se deve, mais do que à ocupação do Complexo do Alemão², às UPPs. Sobre a minha opinião a

² Complexo do Alemão: complexo de favelas da Zona Norte do Rio de Janeiro, constituído por um conjunto de 13 favelas, estando algumas das mais violentas da cidade. Seu núcleo é o Morro do Alemão, e poucos moradores da cidade sabem que se trata de um bairro oficial, sendo parte de sua área muitas vezes tratada como parte dos bairros vizinhos: Ramos, Penha, Olaria, Inhaúma e Bonsucesso. O bairro foi construído sobre a serra da Misericórdia, uma formação geológica de morros e nascentes, quase toda destruída pela construção do Complexo. (Nota da IHU On-Line)

respeito destas unidades, eu acho preciso evitar o simplismo. Tenho identificado dois tipos de respostas simplistas sobre o papel das UPPs: o primeiro é que elas são uma maravilha, a resolução do problema de segurança na cidade e a libertação da população das favelas “pacificadas”. O segundo é um simplismo mais à esquerda, para o qual as UPPs são mais do mesmo, que não trazem nada de novo no histórico de política de segurança no Rio de Janeiro, que elas não são acompanhadas de mudanças importantes nas comunidades onde são implementadas, etc. No entanto, para além dessas opiniões extremas, acho que a maioria das pessoas ainda vê as UPPs como uma incógnita. Estas últimas, na minha opinião, têm razão, pois é cedo para julgar as implicações das UPPs nas favelas ocupadas, a sua relação com a instituição policial da qual ela faz parte e, ainda, as suas consequências para o espaço da cidade como um todo.

IHU On-Line - Quais os principais impactos que as Polícias Pacificadoras trazem às favelas ocupadas e como elas interferem na questão da democracia?

Eduardo Tomazine - Mesmo sendo ainda muito cedo para avaliar com precisão os impactos das UPPs nas favelas onde elas são implementadas, pode-se dizer, desde já, que eles são ambíguos, contraditórios. De um lado, não há mais a presença armada dos traficantes de drogas, não há mais os conflitos, nestas favelas, entre facções do tráfico e entre os traficantes e a polícia quando das suas históricas incursões bárbaras. Isto não pode ser subestimado. Por outro lado, há agora a presença ostensiva da Polícia Militar, e, por mais que sejam recrutadas com uma formação especial, a coabitação quotidiana com a polícia é, e sempre será, tensa. Ainda mais quando a polícia em questão é a polícia brasileira, herdeira não apenas do regime opressor de 1964, mas de uma história escravocrata e racista. A favela ainda é considerada como a senzala a ser controlada e abusada, ou o quilombo a ser combatido. O governo repete que, em seguida às UPPs, vem a “invasão de serviços”. No entanto, são os serviços privados que têm vindo à frente, sobretudo a

“Do que adiantam ganhos de qualidade de vida, por exemplo, com uma sociedade politicamente tutelada?”

formalização dos serviços de luz e de TV a cabo, o que compete para encarecer a vida nessas favelas. Já os serviços públicos gratuitos, como a coleta de lixo, os postos de saúde e as creches ainda estão sendo aguardados. Na favela da Babilônia, por exemplo, um ano após a instalação da UPP, ainda havia problemas de abastecimento de água por falta da instalação de um reservatório. Já o presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro relata, com orgulho, que o furto de energia elétrica na favela Santa Marta (a primeira a receber uma UPP, em 2008) caiu de 70% para 1%. Percebe-se, pois, uma assimetria entre direitos e deveres nas áreas ocupadas por UPPs, entre serviços privados e gratuitos.

O contraste

Mas, em contraste com a imagem de prestadores de serviços e de amigos da comunidade transmitida pela PM, há denúncias de abusos cometidos por alguns policiais das UPPs. É fácil imaginar as tensões decorrentes de um espaço ocupado quotidianamente por pessoas armadas, sejam elas de quadrilhas ou da polícia. Ocorre que, agora, a ocupação é feita por uma instituição a qual, mesmo com todos os problemas que conhecemos, tem um grau de controle, por parte da sociedade, incomparavelmente maior - ao menos potencialmente. Aí entra em jogo a questão da democracia. Não com relação à dinâmica eleitoral, mas em relação à capacidade de determinação, por parte dos moradores favelados sobre o seu próprio espaço de vida. Antes, eles eram cativos da arbitrariedade e da violência dos chefetes das quadrilhas de narcotraficantes. Resta lutar para que não fiquem cativos da arbitrariedade e da violência policiais. Mas ressalvo: ainda é cedo para saber

o que ocorrerá. Não apenas porque a dinâmica da atuação policial é imprevisível, mas também porque a capacidade de organização da população é fundamental nisso.

IHU On-Line - Que papel as UPPs desempenham na produção do espaço urbano carioca?

Eduardo Tomazine - As UPPs cumprem um papel fundamental nos projetos de alguns setores capitalistas, associados aos gestores políticos que atualmente governam a cidade e o Estado do Rio de Janeiro. Há mais de 30 anos que o espaço carioca vem sendo produzido em meio à estagnação econômica e à desarticulação política. Em decorrência - e em função da localização estratégica do Rio de Janeiro no circuito mundial do comércio de drogas -, os negócios que mais prosperaram na cidade foram de caráter ilegal e violento (o tráfico de drogas e armas) e um tipo de negócios formais umbilicalmente ligado a eles, como o mercado imobiliário dos condomínios exclusivos, as empresas de segurança privada e seus produtos (sistemas de câmeras de monitoramento, blindagens de carros, etc.) e a corrida armamentista por parte do Estado e dos narcotraficantes (informalmente, e, em grande medida, tendo como vendedores os próprios policiais). Nos espaços segregados, como favelas e loteamentos irregulares, em meio à decadência econômica e à falta de serviços públicos oferecidos pelo Estado, a associação ao negócio do tráfico se tornou uma estratégia de sobrevivência (entre as estratégias possíveis) para muitos, principalmente para os jovens e adolescentes. Agora que o país começa a retomar uma dinâmica de crescimento econômico, em que o estado do Rio de Janeiro é impulsionado pela indústria petroquímica e que se tem costurada uma inédita articulação política entre as esferas municipal, estadual e federal de governo, há certas frações do capital que vislumbram a possibilidade de fazerem negócios na cidade, sobretudo o grande capital imobiliário e da indústria do turismo. Mas, para que isso aconteça, é preciso resolver alguns “gargalos” da cidade, como a falta de estrutura de transportes; mas, sobretudo, as externalidades produzidas pela hegemonia do que podemos chamar de “indústria

da ilegalidade violenta e do medo”.

IHU On-Line - Quais implicações as UPPs trazem para a práxis dos ativismos urbanos?

Eduardo Tomazine - Esta é, para mim, uma questão central. Pois o principal critério de avaliação de uma política pública, seja ela de segurança ou não, é, de um ponto de vista libertário, a sua implicação na capacidade de a sociedade se autodeterminar de maneira livre e bem informada. É claro que a questão do bem-estar é importante, mas do que adiantam ganhos de qualidade de vida, por exemplo, com uma sociedade politicamente tutelada? A liberdade e a democracia são, pois, fundamentais, e toda política deve ter em vista, de uma maneira ou de outra, o seu robustecimento. Pensando desta maneira, ter uma sociedade civil forte e bem organizada é ainda mais importante do que ter bons partidos políticos ou um Estado eficiente, pois a sociedade civil é a base de toda sociedade democrática. Os ativismos urbanos, por sua vez, são os setores da sociedade civil que se organizam visando, com a sua atuação, uma transformação progressista da sociedade, e são elas que podem, concretamente, tornar os seus espaços melhores e mais justos (auto-organização), e, igualmente, pressionar o Estado por conquistas e para evitar que ele cometa abusos (lutas institucionais).

Consequências contraditórias

As UPPs trazem, mais uma vez, consequências contraditórias aos ativismos urbanos, sobretudo à auto-organização dos moradores das favelas ocupadas. É inegável que o controle ostensivo dos narcotraficantes armados praticamente inviabiliza um trabalho político que se pretenda autônomo e radicalmente crítico do *status quo*. Seja pela ingerência direta exercida pelos traficantes, seja pelas brechas abertas pela sua presença incidiadora às ações intempestivas e autoritárias da polícia. As UPPs abrem, em tese, espaço para que a população destes locais volte a se organizar politicamente de maneira crítica e independente, inclusive permitindo a circulação de ativistas de favelas diferentes que, antes, eram muito frequentemente im-

“Ter uma sociedade civil forte e bem organizada é ainda mais importante do que ter bons partidos políticos ou um Estado eficiente, pois a sociedade civil é a base de toda sociedade democrática”

pedidos de realizar esse trânsito pelas rivalidades entre facções. Mas a ambiguidade da UPP é, como eu já disse, a troca de um controle armado por outro, de maneira que o primeiro e mais importante desafio dos ativismos urbanos será a organização da população nas áreas “pacificadas” para controlar os policiais e participar diretamente na manutenção de uma verdadeira segurança na suas comunidades, evitando qualquer forma de abuso.

IHU On-Line - Por que não investir mais em inteligência e tecnologia na Polícia?

Eduardo Tomazine - O deputado estadual Marcelo Freixo tem insistido, corretamente, na importância da inteligência e da tecnologia como alternativas mais eficazes à política de confrontação - insistência importante em um momento passional como este, em que todos aplaudem as ações bélicas. Mas não podemos partir do pressuposto de que os gestores políticos responsáveis pela segurança no estado do Rio e no país como um todo não investem em informação simplesmente porque não querem. É preciso, portanto, investigar as razões de base para essa lacuna. Em primeiro lugar, há problemas institucionais que precisam ser resolvidos, como a comunicação entre as diferentes polícias. Há, por exemplo, uma série de conflitos de competência, além, claro, de conflitos de interesses políticos e de outros menos nobres. Finalmente, o cobertor da segurança é curto, muito curto. Os in-

vestimentos em segurança do governo do estado, em 2009, responderam por mais de 7% do orçamento, e vem crescendo com a implementação das UPPs. A consequência é a falência da educação e da saúde estaduais. O principal responsável, portanto, por uma política que invista em informação e tecnologia das polícias, e também em educação e reduções de desigualdades socioespaciais, é a União, que, em decorrência da sua política econômica, tem os investimentos sociais acorrentados em benefício da manutenção das taxas elevadas de juros e do superávit primário. Isso precisa ser denunciado: a violência causada por uma política econômica liberal.

IHU On-Line - De modo geral, como você avalia que está sendo conduzida essa “guerra ao tráfico” no RJ?

Eduardo Tomazine - De maneira preocupante. Não que os ataques orquestrados pelos traficantes devessem ficar sem uma resposta contundente e rápida. O problema é a maneira como a coisa toda foi feita, e os precedentes que isso abre. Em primeiro lugar, a incapacidade de estabelecer diálogo, por meio dos intermediadores oficiais que se ofereceram. Não para fazer eventuais concessões, mas para assegurar a integridade dos que se rendessem. Talvez isto pudesse evitar algumas mortes e fugas, não sabemos. Mas o principal é que tal atitude poderia abrir um canal de diálogo com a sociedade: o que vamos fazer com estes indivíduos? Qual política carcerária queremos em nosso estado e no nosso país? Afinal, se não podemos isentar os indivíduos pela sua culpa ao se envolver com a criminalidade, tampouco podemos isentar o Estado brasileiro da sua responsabilidade. Mas o que mais preocupa é a famigerada utilização das Forças Armadas para a segurança pública interna. Ao final, se viu que a necessidade da intervenção dos mil e tantos militares mobilizados para as operações da Vila Cruzeiro e do Alemão é duvidosa. Se se trata da superioridade numérica, as polícias Militar e Civil têm mais de 40 mil homens só no Rio de Janeiro à disposição. Se se trata da tal superioridade material, não vejo muito claramente em quê dezenas de blindados do Exército e da Marinha, que nem ao menos podem entrar nos becos das favelas, podem

ajudar concretamente. Trata-se, pois, de recolocar na ordem do dia o emprego das Forças Armadas em assuntos de segurança pública interna. Ao Estado, o uso das Forças Armadas para estes fins até pode ser conveniente, usando a massa ociosa do contingente militar e desonerando, assim, o investimento em polícia. Seria, digamos, a solução neoliberal para a segurança pública. Agrade também a uma opinião pública cada vez mais conservadora, manipulada pelo discurso oficial que é reproduzido e ampliado pela grande mídia. Mas os riscos para a democracia são evidentes. Primeiro porque as Forças Armadas não têm preparo para exercer funções de polícia. Depois, e, sobretudo, pelo imaginário que se fortalece entre a população, desrespeitamos a constituição em prol da manutenção da ordem. Isto não nos deveria lembrar alguma coisa?

IHU On-Line - Como fica a imagem do Brasil fora do país a partir deste episódio?

Eduardo Tomazine - Eu moro, atualmente, na França, de maneira que posso acompanhar bem a impressão que se tem aqui fora do Brasil com este episódio. É claro que isto abala a imagem do país, mas eu acredito que o Brasil esteja com um certo “crédito” diante da opinião pública internacional. Lula é muito popular por aqui, e a grande mídia (ao contrário da brasileira) não se cansa de fazer elogios a ele e à emergência do Brasil. Eles sabem que a situação de violência no Brasil, e no Rio em particular, é antiga. Filmes como *Cidade de Deus* e *Tropa de Elite* fizeram muito sucesso pelo mundo, de maneira que a violência dos conflitos entre a polícia e os traficantes não é novidade para ninguém. Ocorre que, diante dos últimos episódios, a mídia aqui tem sido mais cautelosa, indicando o discurso oficial no Brasil, segundo o qual houve uma grande e decisiva vitória, mas colocando sob suspeição a capacidade de controle da situação no longo prazo. O fato é que o governo do Rio tem sido habilidoso na implementação da sua estratégia, e estes estertores agora, em 2010, têm um impacto muito diferente do que se houvessem ocorrido às vésperas da Copa e das Olimpíadas.

Evolução e transumanismo: o advento de um novo ser humano?

O conceito de antropocentrismo ruiu com as constatações da Teoria da Evolução, e o transumanismo se vale da técnica para melhorar a vida dos seres humanos, aponta o filósofo Ricardo Bins di Napoli. Filósofos, juristas e cientistas devem debater o tema em conjunto

POR MÁRCIA JUNGES

“O transumanismo é um pensamento com princípios éticos no sentido de tomar a dianteira e orientar as mudanças do homem futuro. Ele se baseia na ideia que temos que usar a ciência e a técnica de forma racional para melhorar a vida no planeta, minimizando o sofrimento”.

A explicação é do filósofo Ricardo Bins di Napoli na entrevista que concedeu por e-mail à **IHU On-Line**. Em sua opinião, “entre a fé cega na tecnociência e a sua demonização há um caminho de responsabilidade que deve buscar o controle e regulamentação do seu uso das novas tecnologias. Para isso, precisa-se que filósofos, juristas e cientistas trabalhem juntos, sem, contudo, dissociar-se da sociedade”. Outra ideia que traz ao debate é de que o transumanismo também tem uma “posição democrática”, e ao invés de proibir ou banir a inovação tecnológica, é melhor que ela seja regulada e discutida paulatinamente. E completa: “a sobrevivência da espécie implica, ao mesmo tempo, perceber-se que o homem perdeu a sua centralidade na natureza. Ele também é fruto da evolução”.

Ricardo Bins di Napoli é professor na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Possui doutorado em Filosofia, iniciado na Ludwig-Maximillians Universität, de Munique (Alemanha), e concluído na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. É mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atua na área de Filosofia Moral e Política. Publicou *Ética e compreensão do outro: a ética de Wilhelm Dilthey sob a perspectiva do encontro interétnico* (Porto Alegre: Edipucrs, 2000) e juntamente a outros autores organizou *Ética e Justiça* (Santa Maria: Palotti, 2003), com textos sobre J. Rawls e outros filósofos, abordando a justiça, e *Norberto Bobbio: Direito, Ética e Política* (Ijuí: Editora Unijuí, 2005). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são os principais dilemas morais do desenvolvimento técnico-científico?

Ricardo Bins di Napoli - Há muitos dilemas envolvendo o desenvolvimento técnico-científico. Todo o dilema moral genuíno envolve no mí-

nimo duas alternativas de ação que têm o mesmo valor moral. É um dilema porque temos que realizá-las, mas não podemos fazê-las ao mesmo tempo. Por causa disto, ao se optar por uma das alternativas, não se pode realizar a outra que também

deveria moralmente ser realizada. Embora faça uma das coisas, se sente arrependimento por não ter sido possível realizar a outra. Alguns falam em sentimento de remorso ou culpa. De certo modo, então, quando não se consegue combinar coisas igualmente importantes a serem feitas do ponto de vista moral ao mesmo tempo, fica-se em uma situação dilemática. O dilema é uma situação em que o agente tem consciência da obrigação moral de realizar as duas ações.

Nem toda decisão difícil implica um dilema. Por exemplo, quando se pensava que o desenvolvimento econômico era incompatível com a preservação ambiental, a modernização industrial parecia um dilema, porque ou se agia defendendo-a ou se preservava o meio ambiente. Hoje se sabe que era um falso dilema, pois há muitas formas de desenvolvimento econômico que pode ser compatível com a preservação ambiental do planeta. Muitos dos genuínos dilemas morais hoje envolvem o início e o fim da vida humana. O desenvolvimento da genética está cada vez mais colocando a disposição do homem comum novas possibilidades de escolha. Por exemplo, para os pais que têm na família doenças hereditariamente transmissíveis, pode-se evitar transmitir a doença para seus filhos. Mas a terapia genética poderia ser usada também para se criar pessoas com mais força física. As novas capacidades, que superam as do que um ser humano normal, podem ser aproveitadas, por exemplo, nas competições esportivas no futuro. Mas esse tipo de melhoramento poderia também ser usado a fim de se criar indivíduos para combate militar em conflitos armados. Então, desenvolver tais tecnologias parece ser eticamente condenável nesse caso, pois criaria seres soldados geneticamente modificados. Seria isso moralmente aceitável? Esse aspecto dual de um melhoramento científico traz o dilema moral que envolve a decisão se se deve ou não levá-lo adiante. Deve-se ver que ou realizamos o melhoramento humano, ou deixamos que os geneticamente doentes morram.

IHU On-Line - Qual é o nexa que une

“Esse aspecto dual de um melhoramento científico traz o dilema moral que envolve a decisão se se deve ou não levá-lo adiante”

evolução e transumanismo?

Ricardo Bins di Napoli - A evolução permitiu que o homem como espécie chegasse a ser o que é, sendo capaz tanto de cooperar com outros homens, como de destruir o seu semelhante. Se o homem chegou onde está por meio da seleção é porque geneticamente ele sobreviveu como espécie. Muitas vezes se esquece isso. Contudo, a sobrevivência da espécie implica, ao mesmo tempo, perceber-se que o homem perdeu a sua centralidade na natureza. Ele também é fruto da evolução. Essa ideia parece que não é ainda muito bem compreendida pelas pessoas e não está de todo assimilada no nosso cotidiano.

O desenvolvimento tecnológico surgiu quando o *homo sapiens* já existia e de certo modo foi um processo fascinante. Creio, por outro lado, que não podemos ser ingênuos ao ponto de não perceber os problemas sociais que estão envolvidos no desenvolvimento tecnológico. Não quero, entretanto, demonizar a técnica como fizeram Rousseau e a *Teoria Crítica da Sociedade* e mesmo, em parte, Heidegger. Temos que aprender a lidar com ela e com os poderes que ela disponibiliza ao homem que a controla. Mesmo com a bioética se corre o risco de dar uma aparência de discurso moral às nossas deliberações, que podem simplesmente, dependendo como se proceder, dar uma ilusão de que se está fazendo escolhas éticas nos procedimentos da biomedicina. A medicina aliada ao poder passa ser mais do que uma prática preventiva, curativa e reabilitadora. Ela também passou a ser planejadora, pois permite, por exemplo, controlar as populações de muitos modos. Se uma epidemia letal,

por exemplo, não é controlada por decisão política em uma região da Terra, então a decisão é por extermínio daquela população. Veja-se o caso das doenças que se disseminam em países com precárias condições sanitárias e médicas.

Melhoramento da espécie

Entretanto, se pode não só aplicar técnicas presentes na evolução para melhorar animais e humanos através de seleção. Mas com o desenvolvimento científico da engenharia genética, pode-se talvez melhorar rapidamente a espécie. Há, porém, riscos nesse processo, que não podemos negar. A sociedade, por isso, precisa ser convidada a regular esse processo jurídica, política e moralmente.

O transumanismo é um pensamento com princípios éticos no sentido de tomar a dianteira e orientar as mudanças do homem futuro. Ele se baseia na ideia que temos que usar a ciência e a técnica de forma racional para melhorar a vida no planeta, minimizando o sofrimento. Dois filósofos, Nick Bostrom¹ e David Pearce² (que esteve recentemente em Santa Maria), fundaram a Associação Mundial Transumanista em 1998. O pensamento transumanista não se limita à transformação genética do homem, mas incorpora a criação de máquinas e partes artificiais (eletrônicas e mecânicas) que possam resolver problemas e melhorar capacidades humanas. O desenvolvimento de robôs e de inteligência artificial faz parte disso. Máquinas ultrainteligentes precisarão de códigos morais de conduta. Se em trinta anos pudermos criar essas máquinas teremos passado para uma era pós-humana. Teremos realizado previsões de romances e filmes de ficção científica como *Blade Runner*³, *Inteli-*

1 Nick Bostrom: filósofo sueco, fundador da Associação Transumanista Mundial, em 1998, e diretor do Instituto do Futuro da Humanidade, criado na Faculdade de Filosofia de Oxford. (Nota da IHU On-Line)

2 David Pearce: filósofo britânico, abolicionista. Junto com Nick Bostrom é fundador da Associação Transhumanista Mundial. (Nota da IHU On-Line)

3 *Blade Runner*, *O Caçador de Andróides*: filme de ficção científica, dirigido por Ridley Scott. No ano de 2019, um ex-policial é obrigado a descobrir e eliminar replicantes, que

gência Artificial e Eu, robô. A nanotecnologia⁴ também abriu um novo campo de investigações e já há juristas estudando a regulamentação dos usos dessas tecnologias como é o caso do professor Dr. Wilson Engelmann⁵ da Unisinos.

IHU On-Line - Quais são os limites e possibilidades que se descortinam a partir do poder criador conferido ao homem pelas tecnologias por ele inventadas?

Ricardo Bins di Napoli - É responsabilidade da sociedade contribuir para a regulação dessas inovações. Entre a fé cega na tecnociência e a sua demonização há um caminho de responsabilidade que deve buscar o controle e regulamentação do seu uso das novas tecnologias. Para isso, precisa-se que filósofos, juristas e cientistas traba-

retornam à Terra para cobrar vida mais longa ao seu criador. Com direção de Ridley Scott (Gladiador) e Harrison Ford, Daryl Hannah e Rutger Hauer no elenco. Recebeu 2 indicações ao Oscar. Confira a entrevista *Pós-máquinas ciberhumanizadas? O pós-humano e o movimento social do capital*, concedida por Giovane Alves à edição 252 da Revista IHU On-Line, de 31-03-2008, disponível em <http://migre.me/2Ka09>. O filme foi exibido no Ciclo de Filmes e Debates - Subjetividade e Normalização: Discutindo políticas de identidade e saúde mental na sociedade contemporânea - Pré-evento ao XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana, em 09-09-2010, e debatido pelo Prof. Dr. Carlos Gadea. (Nota da IHU On-Line)

4 Nanotecnologia: ciência associada a diversas áreas (como a medicina e eletrônica) de pesquisa e produção na escala nano. O princípio básico da nanotecnologia é a construção de estruturas e novos materiais com base nos átomos (como se fossem tijolos). É uma área promissora, mas que dá apenas seus primeiros passos, mostrando, contudo, resultados surpreendentes, como na produção de semicondutores, por exemplo. Sobre o assunto, a IHU On-Line publicou a edição 120, de 25-10-2004, intitulado *O mundo desconhecido das nanotecnologias*, disponível em <http://migre.me/2K9cl>, e a edição 259, de 26-05-2008, intitulada *Nanotecnologias: possibilidades incríveis e riscos altíssimos*, disponível em <http://migre.me/2K9h0>. (Nota da IHU On-Line)

5 Wilson Engelmann: Mestre em Direito e Especialista em Direito Político pela Unisinos, onde é professor das disciplinas Introdução ao Estudo do Direito e Teoria Geral do Direito. É integrante da Comissão de Coordenação do Curso de Graduação em Direito na mesma universidade. Confira a entrevista *As nanotecnologias. Uma reflexão ética a partir de John Finnis*, concedida por Engelmann às *Notícias do Dia* 12-01-2008, disponível em <http://migre.me/2K8Zh>. Confira, também, o IHU Repórter realizado com Engelmann, disponível em <http://migre.me/2K91t>. (Nota da IHU On-Line)

“A fé, no cristianismo, tem um fundamento dogmático na crença em um ser absoluto, criador de todo o universo. A razão científica não pode ser dogmática e deve aceitar o princípio da falseabilidade”

lhem juntos, sem, contudo, dissociar-se da sociedade. Esse trabalho dependerá de muitos. Para se garantir à ciência um máximo de liberdade, devem-se buscar os valores que estão sendo colocados em jogo a cada dia e buscar-se discutir a justificação para adotá-los, ou não.

IHU On-Line - Em que medida esse poder de criação sedimenta o relativismo de valores e, inclusive, a fragmentação do divino e do próprio sujeito?

Ricardo Bins di Napoli - O relativismo absoluto é uma falácia, pois se tudo é relativo, até mesmo o que seu defensor falante diz ser relativo é relativo. Logo, a própria afirmação do relativismo estaria destruída. Há muitos valores universais que são muitas vezes obscurecidos diante do argumento relativista: os direitos da pessoa (ela poderia incluir alguns animais) e a paz, por exemplo.

IHU On-Line - Se o ser humano é seu próprio experimento, qual seria o espaço de Deus na atualidade?

Ricardo Bins di Napoli - A questão é relevante para muitas pessoas. Coloca o problema da razão e sua relação com a fé. A fé, no cristianismo, tem um fundamento dogmático na crença em um ser absoluto, criador de todo o universo. A razão científica não pode ser dogmática e deve aceitar o princípio da falseabilidade. Além disso, faz parte das sociedades democráticas ocidentais a aceitação

da independência dos domínios da fé em relação aos da política e da ciência. Não vejo uma razão, portanto, para que (uma vez que as liberdades sejam garantidas, os direitos e os deveres dos cidadãos estejam definidos) não se possa deixar um espaço de deliberação individual, permitindo a cada pessoa ou grupo religioso lidar adequadamente com suas preferências religiosas em um Estado laico. Evidentemente surgirão conflitos, mas eles deverão ser resolvidos caso a caso. É importante salientar que muitos valores morais como a compaixão e o amor têm origem e apoio na religião cristã, por exemplo.

IHU On-Line - Como ficam as questões da alteridade e da representação democrática ao supormos que o pós-humano é autopoietico?

Ricardo Bins di Napoli - Deve-se imaginar que o transumanismo também tenha uma posição democrática. E em um governo democrático se pode imaginar maior possibilidade de o Estado tenha um papel de regulação das novas tecnologias para a segurança de todos e que a garantia que os benefícios sejam estendidos progressivamente a todos os cidadãos de um Estado ou Comunidade de Estados, e não só a uma minoria mais rica.

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Ricardo Bins di Napoli - É bom reforçar a ideia de que não é desejável se omitir deste debate. Pior ainda seria tomar decisões sem informação. É importante conhecer-se o trabalho da evolução para saber por que chegamos a ser o que somos. Por isso, é importante conhecer a psicologia humana, o cérebro, a cognição e a fisiologia humana, entre outras coisas. Evidentemente, nem todas as pessoas têm sido defensores do transumanismo. Creio que podemos ter vários argumentos contrários e Fukuyama⁶ definiu o transumanismo como “a

⁶ Francis Fukuyama (1952): professor americano de economia política internacional da Paul H. Nitze School of Advanced International Studies, na Johns Hopkins University, nos EUA. Seu primeiro livro, *O fim da história e o último homem* (1992), figurou nas listas de mais vendidos de diversos países, como EUA, França, Japão e Chile, tendo ganhado o Los Angeles Times Book Critics Award e o Prêmio Capri (Itália). Outros livros representativos de sua obra

“Alguns transumanistas e mesmo os chamados bioconservadores são contra a eugenia inspirada em motivos racistas ou em Estados autoritários ou totalitários”

ideia mais perigosa hoje”. Outros colocam o problema em termos de “crime contra a humanidade”.

Entretanto, alguns transumanistas e mesmo os chamados bioconservadores são contra a eugenia inspirada em motivos racistas ou em Estados autoritários ou totalitários. Os problemas morais implicados são, de fato, muitos. Deve-se pensar nas alterações dos nossos valores que essa tecnologia poderia produzir. Não tenho uma posição bem definida a respeito, mas estou inclinado a pensar que é melhor irmos regulando e discutindo a inovação tecnológica do que banirmos ou proibi-la totalmente. É melhor planejar o futuro e orientar esse processo. Não temos certeza de muitas coisas ainda hoje. Mesmo a prometida revolução genética com o mapeamento do genoma humano não produziu os efeitos anunciados na época.

LEIA MAIS...

>> Ricardo Bins di Napoli já concedeu outra entrevista à IHU On-Line. Confira.

* “A serenidade é a outra face da política”. Publicada na IHU On-Line número 335, de 28-06-2010, disponível em <http://migre.me/2FK4f>.

são *Confiança* (1995), *A grande ruptura* (1999) e *Nosso futuro pós-humano* (2002), todos publicados pela Editora Rocco, de São Paulo. Especialista em questões políticas e militares da Europa e do Oriente Médio, Fukuyama já integrou o Conselho de Planejamento Político do Departamento de Estado norte-americano. Atualmente, ele é membro do Conselho Presidencial de Ética em Biotecnologia, dentre diversos outros títulos e cargos de prestígio internacional. (Nota da IHU On-Line)

Livro da Semana

COSTA, Horácio; BENTO, Berenice; GARCIA, Wilton; INÁCIO, Emerson; e SIQUEIRA, Wiliam (org.). *Retratos do Brasil Homossexual. - Fronteiras, Subjetividades e Desejos* (São Paulo: Edusp, 2010).

Estamos no começo de um longo caminho a percorrer

Ao destacar alguns aspectos da obra *Retratos do Brasil Homossexual*, Horácio Costa reflete sobre a questão da homofobia no Brasil hoje

POR GRAZIELA WOLFART

Está sendo lançado o livro *Retratos do Brasil Homossexual. - Fronteiras, Subjetividades e Desejos* (São Paulo: Edusp, 2010). A IHU On-Line entrevistou por e-mail um dos organizadores da obra, o professor Horácio Costa, da Universidade de São Paulo - USP. Segundo ele, um dos objetivos do livro é reunir um expressivo número de ensaios escritos majoritariamente por acadêmicos brasileiros, de diferentes procedências, assim como por intelectuais hispano-americanos e brasileiros, sobre o tópico LGBTT e da homocultura no Brasil de hoje, passados 80 anos daquele Retrato do Brasil de Paulo Prado, um dos livros fundacionais do pensamento sociológico no país, livro que, a não ser subsidiariamente, menciona os ‘sodomitas’ nessa visão panorâmica do povo brasileiro. Para Costa, no Brasil somos exemplarmente hipócritas, em termos históricos: filhos de mentalidades tridentinas que elegeram a instituição de dois pesos e duas medidas como forma de relacionar-se com o real desde o século XVI.

José Horácio de Almeida Nascimento Costa é graduado em Arquitetura e Urbanismo pela USP. Na New York University, realizou mestrado em Artes, e na Yale University, o mestrado e doutorado em Filosofia. É, atualmente, professor da USP e autor de diversas obras de poesia, entre as quais *Satori* (São Paulo: Iluminuras, 1989), *Quadrágésimo* (São Paulo: Ateliê Editorial, 1999) e *Fracta* (São Paulo: Perspectiva, 2004). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual o principal objetivo da obra *Retratos do Brasil Homossexual*?

Horácio Costa - Reunir um expressivo número de ensaios escritos majoritariamente por acadêmicos brasileiros, de diferentes procedências, assim como por intelectuais hispano-ame-

ricanos e brasileiros, sobre o tópico LGBTT e da homocultura no Brasil de hoje, passados 80 anos daquele *Retrato do Brasil* de Paulo Prado¹, um

¹ Paulo Prado (1869-1943): escritor e ensaísta brasileiro, considerado junto de Monteiro Lobato um dos que melhor dominaram a arte e a prática de interpretar. (Nota da IHU On-Line)

dos livros fundacionais do pensamento sociológico no país, livro que, a não ser subsidiariamente, menciona os sodomitas nessa visão panorâmica do povo brasileiro.

IHU On-Line - Como poderia ser definida a subjetividade do homossexual brasileiro?

Horácio Costa - Impossível de responder. Ou, por oposição: como se definiria a subjetividade do heterossexual brasileiro? E ainda: será a subjetividade dos políticos e dos oligarcas tão igualmente espalhados do Oiapoque ao Chuí tão subjetiva quanto a dos homossexuais que lutam por seus direitos civis? E mais: a subjetividade dos que acreditam em impedimentos morais e/ou religiosos é tão subjetiva quanto a das mulheres que têm que frequentar clínicas de aborto clandestinas?

IHU On-Line - Como entender que o país com a maior Parada Gay do mundo ainda tenha um índice tão alto de ódio contra homossexuais?

Horácio Costa - Somos exemplarmente hipócritas, em termos históricos: filhos de mentalidades tridentinas que elegeram a instituição de dois pesos e duas medidas como forma de relacionar-se com o real desde o século XVI. Ainda, e um pouco em função disso, pois temos valores retóricos de encobrimento e desvio da realidade realmente fabulosos: se eu não falar sobre ela, a questão não existe (foi assim com a escravatura, não?). Ou seja, no que concerne ao problema da homofobia; estamos no mesmo patamar de (alta voltagem de) hipocrisia como com relação a outras questões que afetam a nossa vida em sociedade. Só que, antes, não se falava dele. Agora os homossexuais brasileiros estão levando este debate ao grande cenário nacional, e há algumas respostas positivas e algumas negativas outras: algo já aconteceu no processo, mas sinto que estamos no começo de um longo caminho a percorrer. Esse debate, juntamente com outros conexos, resultará em benefício para a sociedade como um todo, e não apenas para o segmento LGBTT, já que se insere

nessa corrente de verdadeirização e renovação moral da forma mentis como um todo.

IHU On-Line - Que relações podem ser estabelecidas entre homocultura e Direitos Humanos?

Horácio Costa - A homocultura é um conceito em devir frente aos direitos humanos que tem mais de 200 anos de estabelecimento na França. Portanto, diríamos que aquela é subsidiária destes, assim como muitos direitos assentes, após serem conquistados nesse lapso de tempo, sob a rubrica humanos, em diferentes sociedades ocidentais. O exercício da homossexualidade, ou da preferência sexual, deve ser garantido não apenas na intimidade física dos cidadãos, como, em princípio, já o é, mas também em suas manifestações mais etéreas e/ou subjetivas, onde reconhecemos a homocultura. Daí para a formalização em aras da legislação, da pluralidade, e da diferença das minorias homossexuais e conexas, um passo: nenhum direito garantido por princípio à maioria dos brasileiros nos deve ser negado. Como disse no meu discurso de abertura da IV Associação Brasileira de Estudos da Homocultura² - ABEH, um Estado que nos negue tal possibilidade democrática é um Estado provedor de infelicidade, um Estado infelicitante, e daí moralmente comprometido. A garantia de tais direitos aos homossexuais se insere, de fato, na renovação moral do Estado brasileiro, que a nação tem exigido de muitas maneiras. Sem essa garantia, o Brasil jamais estará livre das distorções que o caracterizaram ao longo da história.

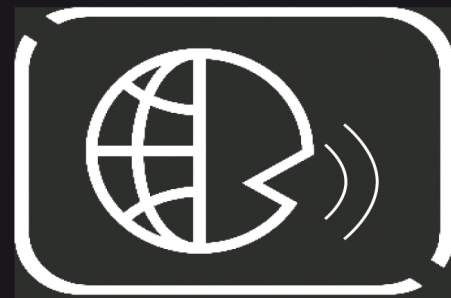
LEIA MAIS...

>> Horácio Costa já concedeu outra entrevista à IHU On-Line:

* *A memória homossexual como campo de reivindicação política*. Entrevista publicada nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU, em 28-05-2009, e disponível em <http://bit.ly/evQYyw>.

² A IV Associação Brasileira de Estudos da Homocultura aconteceu de 9 a 12-09-2008, na Universidade de São Paulo (USP). (Nota da IHU On-Line)

LEIA AS NOTÍCIAS DO DIA
NA PÁGINA ELETRÔNICA DO IHU
WWW.IHU.UNISINOS.BR



Televisão e interesse público

POR CARINE PREVEDELLO*

O segmento das emissoras públicas reúne, no Brasil, uma multiplicidade de caracterizações e finalidades que acabam por delinear esse grupo em torno da complexidade de configurações. São consideradas televisões públicas, de acordo com os Ministérios da Educação, Cultura e Comunicação, as emissoras educativas, estatais, universitárias, comunitárias, e as ligadas aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.¹ Se os canais comerciais têm um vínculo obrigatório com a manutenção de patrocinadores, o que está, por sua vez, relacionado ao perfil dos programas, os canais públicos tornam-se o meio de suprir a demanda por programação educativa, cultural, científica e relacionada à cidadania. É coerente, por essas características, considerá-las como televisões de interesse público, também por estarem relacionadas a temas de interesse coletivo. Entretanto, assim como a noção de interesse público, as formas de organização e de financiamento das emissoras públicas carregam consigo uma série de imposições que significam limitações à independência editorial e produção alternativa.

A posição da Economia Política Crítica aponta a contradição entre a propriedade privada dos meios de comunicação e a característica de serviço público que este setor presta, especialmente na produção de bens simbólicos.

1 De acordo com definição do Fórum Nacional de TVs Públicas, entidade que desde 2006 congrega as emissoras públicas.

No entanto, esse é um debate que está associado, do ponto de vista teórico, a questões ainda não resolvidas.

Consideradas segundo uma lógica de concorrência capitalista, sobre a qual repousa uma tímida regulamentação que, ao invés de assegurar espaços de interesse público, preserva privilégios hereditários e de classe no sistema de concessões políticas, emissoras vinculadas ao Estado, à sociedade civil e a entidades privadas dividem um espectro eletromagnético de propriedade pública e concessão estatal (nível federal de governo). Há, neste cenário, o reconhecimento de três modelos estruturais: as organizações comerciais, que atendem à finalidade de lucro e são de propriedade privada, as organizações público-estatais, vinculadas ao Estado (somadas às mídias dos poderes), e ainda as organizações não comerciais, onde se localizam as emissoras mantidas por entidades de direito privado, mas sem finalidade lucrativa, ou as associações da sociedade civil.

Entre aquilo que se denominam organizações não comerciais, situam-se os canais controlados por entidades filantrópicas ou sem finalidade lucrativa. Ainda, entretanto, que não apresentem finalidade comercial por determinação legal, muitas dessas emissoras são exploradas com fins de marketing privado ou institucional, o que reduz sua legitimidade enquanto televisões de interesse público, espe-

* Jornalista, mestre em Comunicação pela UFSM, doutoranda pela Unisinos, pesquisadora do Grupo CEPOS (Comunicação, Economia Política E Sociedade), apoiado pela Fundação Ford.

cialmente no caso das comunitárias. No segmento das TVs público-estatais, localizam-se as vinculadas, exploradas e mantidas pelo Estado, com orçamento público e administração exercida por instituição estatal. Enquadram-se neste segmento também as televisões operando como sociedades de economia mista, como é o caso da TV Cultura de São Paulo e, mais recentemente, da TV Brasil.

Adiscussão do interesse público confrontando o interesse privado é outro foco de debate pertinente à dicotomia entre televisões públicas e comerciais. De um lado, apreende-se o conceito de interesse privado como finalidade ou objetivo intrínseco às atividades e organizações de propriedade privada. Estão, de uma forma bastante objetiva, comprometidos com um interesse que é individual, restrito à pessoa ou grupo, e não à coletividade. Por outro lado, o conceito de interesse público, por ser difuso e estar associado à pretensão de definir valores coletivos, encontra uma série de resistências em nível de definição teórico.

Frente à dificuldade de se obter consenso acerca de uma teorização sobre interesse público, são úteis as ponderações da área do Direito, que associa o conceito aos princípios norteadores da administração pública, previstos na Constituição Federal, e ao princípio da *utilidade pública* como caracterizador das entidades às quais se aplicariam as previsões relacionadas ao interesse público. “A *utilidade*

**“A relação da
comunicação como
serviço público também
está embasada na
associação dos direitos
sociais e culturais com a
concepção da
centralidade do direito à
informação para o
exercício da cidadania”**

pública é a finalidade própria da administração pública, enquanto provê à segurança do Estado, à manutenção da ordem pública e à satisfação de todas as necessidades da sociedade”², considerando-se os serviços de comunicação como direito à informação e à cultura.

A relação da comunicação como serviço público também está embasada na associação dos direitos sociais e culturais com a concepção da centralidade do direito à informação para o exercício da cidadania. “A mídia exerce um papel fundamental no exercício da cidadania nas democracias moder-

nas. Não só nas questões diretamente políticas, [...] o acesso aos espaços comunicacionais acaba sendo fundamental no processo de publicização”, ressalta Brittos.³ É uma reflexão que encontra consonância no pensamento de Gentili, que identifica nas funções de publicização das campanhas governamentais de saúde, educação e saneamento, assim como de divulgação de estratégias para valorização das peculiaridades regionais e integração cultural, atividades essenciais desenvolvidas pelos meios de comunicação na promoção do direito à informação: “nas sociedades modernas, estruturadas como democracias representativas, todos os direitos em alguma medida relacionam-se com o direito à informação.”⁴

Dados esses argumentos, propomos cercar a noção de interesse público alinhada às organizações de comunicação como um arcabouço de valores adaptado mais coerentemente às instituições público-estatais em função da atenção aos princípios constitucionais regentes da administração pública e ao reconhecimento do direito à informação como premissa para a efetivação dos demais direitos.

3 BRITTOS, Valério. Digitalização, democracia e diversidade na fase da multiplicidade da oferta. In: BRITTOS, Valério (org.). *Digitalização, diversidade e cidadania: convergências Brasil e Moçambique*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 17-29, p. 25-26.

4 GENTILI, Victor. *Democracia de massas: jornalismo e cidadania* - Estudo sobre as sociedades contemporâneas e o direito à cidadania à informação. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 129.

2 LIMA, Rui Cirne. *Princípios do Direito Administrativo*. 5ª edição. São Paulo, Ed. Revista dos Tribunais, 1982, p. 15-16.



5º Seminário de Pesquisa CEPOS

Economia Política da Comunicação: convergência digital tecnológica e inclusão digital

3 de dezembro das 08:30 às 20h
No Auditório Padre Pedro Pinto
Unisinos - São Leopoldo - RS
- Evento gratuito -

Inscrição pelo site www.unisinos.br/eventos
ou pela central de relacionamento da Unisinos
Fone : 3591-1100 ramal 1356

UNISINOS Programa de Pós Graduação COMUNICAÇÃO

Os participantes ganharão certificado
valendo horas complementares.
Informações: www.grupocepos.net

FORD FOUNDATION

CEPOS

Agex

agexCOM

Destaques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU (www.ihu.unisinos.br) de 30-11-2010 a 04-12-2010.

As mudanças da geografia política atual

Entrevista com Francisco Whitaker, arquiteto, cofundador do Fórum Social Mundial

Confira nas Notícias do Dia 30-11-2010

Disponível no link <http://migre.me/2FNDF>

Whitaker analisa avanços, problemáticas e retrocessos do processo político atual e indica os reacertos que o Brasil precisa fazer. “Apesar de a desigualdade social ser uma realidade absolutamente concreta e absurda no Brasil, a consciência disso ainda é muitíssimo baixa”, afirma.

A ação policial e militar no Complexo do Alemão é uma regressão

Entrevista com Ignácio Cano, sociólogo

Confira nas Notícias do Dia 01-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/2FOb9>

Para Cano, a “grande ação” de ocupação do Alemão “é uma regressão no sentido dessas políticas públicas reativas que consistiam numa retaliação territorial contra áreas cujos dirigentes criminosos, teoricamente, teriam ordenado as ações na cidade”.

Brasil tem condições de criar novo caminho de desenvolvi-

mento

Entrevista com Heitor Costa, físico

Confira nas Notícias do Dia 02-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/2v2NJ>

“Não se pode aceitar a irresponsabilidade dos governantes de quererem fazer crer a população que o crescimento econômico, a qualquer custo, é uma panaceia para todos os males do país”, afirma o pesquisador

A lógica da economia do eucalipto

Entrevista com Dirce Suertegaray, geógrafa

Confira nas Notícias do Dia 03-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/2FOCn>

Um estudo recente apontou que, em menos de dez anos, o Brasil reservou 720 hectares por dia para plantações de eucalipto e a maior parte dessas terras pertence a empresas estrangeiras.

A Mata Atlântica fragmentada

Entrevista com Maury Abreu, biólogo

Confira nas Notícias do Dia 04-12-2010

Disponível no link <http://migre.me/2Kbly>

“O maior dos problemas na Mata Atlântica é, sem dúvida, a fragmentação do habitat”, diz o pesquisador. Para ele, os órgãos responsáveis pela fiscalização e manutenção dessas áreas são ineficientes.

**Leia a Entrevista do Dia em
www.ihu.unisinos.br**



IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

C.

IHU em Revista



<http://twitter.com/ihu>

[Home](#) [Profile](#) [Find People](#) [Settings](#) [Help](#) [Sign out](#)**Name** IHU**Location** São Leopoldo**Web** <http://www.ihu.un...>**Bio** O IHU busca apontar novas questões e respostas para os grandes desafios de nossa época...**260**[following](#)**1,047**[followers](#)**115**[listed](#)**Tweets****5,641**[Favorites](#)[Lists](#)[blogs](#)[educa-o](#)[parceiros](#)[contatos](#)[equipe-ihu](#)[organiza-es](#)[View all](#)

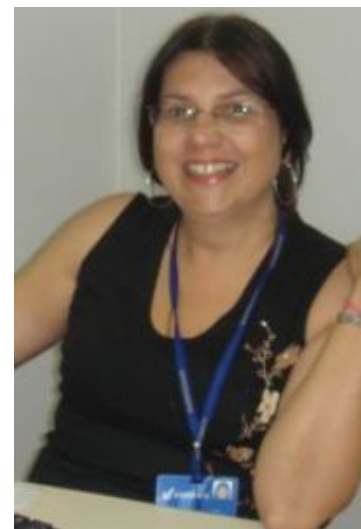
er.com/_ihu

IHU Repórter

Rosane Martins da Rocha

POR GRAZIELA WOLFART | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Quem vai até o posto de atendimento das Ciências da Comunicação da Unisinos conhece o sorriso dela: Rose é a entrevistada da edição desta semana, quando conta os aspectos mais marcantes da sua trajetória pessoal e profissional. “Tudo que fiz na minha vida eu faria de novo. Não me arrependo de nada. Sou uma pessoa calma e tranquila, até que me tirem do sério. Sou tolerante e justa. Procuro agir dentro dos parâmetros da imparcialidade. Estou sempre rindo e brincando. E aceito as pessoas como elas são. Sei conviver em paz e cordialmente, respeitando o outro. As pessoas falam em igualdade, mas não em respeito. Quando se aprende a respeitar o outro, ele passa a ser igual a nós”. Saiba mais sobre essa mulher que sonha em escrever um livro:



Origens - Nasci em São Leopoldo. Minha mãe não trabalhava fora de casa e meu pai era taxista. Tenho três irmãos, sendo que o mais velho já é falecido. Aos 10 anos fui morar com meus avós, por opção minha. Eu amava demais meus avós e minhas referências de vida sempre foram eles. Eram pessoas simples, trabalhadoras, que me passaram valores éticos e morais que me orientam até hoje. Vivi com eles até quando me casei, aos 22 anos.

Formação - Estudei na Escola Irmão Weibert, aqui de São Leopoldo, depois na Escola Santa Terezinha, que era particular e não existe mais. A pessoa que mais me incentivou a estudar foi meu avô. Já na Unisinos, cursei Pedagogia com ênfase em educação na empresa. No ano que vem pretendo fazer uma especialização em gestão social.

Trajetoária profissional - Trabalho desde os 14 anos de idade, mas a Unisinos sempre foi um objetivo para mim. Fui funcionária da empresa Amapá Rossi durante seis anos e da em-

presa Guedes, que fabricava bolsas, por oito anos. Quando surgiu uma vaga aqui e comecei a trabalhar, em 1992, me apaixonei, tanto pelos professores como pelos alunos e pelo trabalho. Sou apaixonada pela Unisinos há 18 anos, que é o tempo em que estou aqui. Comecei como secretária da direção do “antigo centro 3” e desde 2000 trabalho no posto de atendimento das Ciências da Comunicação. Para mim, é um prazer vir trabalhar.

Sala de aula - Além de trabalhar na Unisinos, tenho outra atividade mais voltada para a área da Pedagogia, desde 2004. Dou aulas no Senai, no projeto “Soldado Cidadão”, que é uma parceria entre o Senai e o governo federal. Dou aulas para os soldados que estão dando baixa do quartel. Trabalho com a parte de cidadania e postura profissional. E leciono essas mesmas disciplinas para outros projetos vinculados ao Senai. É um trabalho que faço com prazer e que é muito gratificante; me dá um retorno muito positivo. Os alunos dizem que eu os faço se sen-

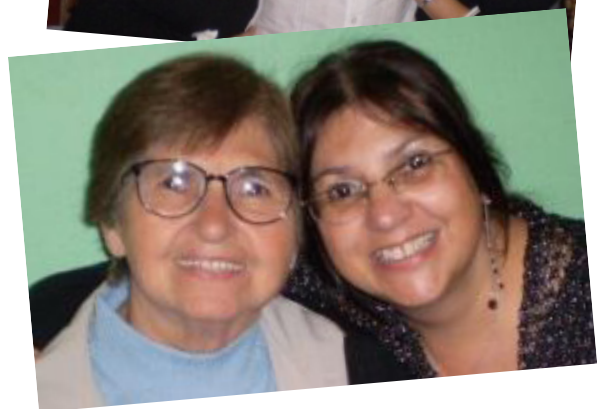
tirem “gente”. Posso querer mais do que isso?

Família - Conheci meu marido na escola, no segundo grau. Fomos casados durante 18 anos e estamos separados desde 2004. Temos uma filha de 20 anos. Fui feliz no meu casamento, mas terminou porque tinha que terminar. Mantemos uma relação harmoniosa. Nossa filha se chama Angélli, e é a razão da minha vida. Somos muito amigas. Ela está cursando o ensino médio no Científico e termina no ano que vem. Adoro meus irmãos e meus sobrinhos.

Autores - Francisco do Espírito Santo Netto, Chico Xavier, Paulo Freire, Ruben Alves e vários outros.

Livro - *A Cabana*, de William Young; e *As dores da alma*, de Francisco do Espírito Santo Netto.

Filme - *Nosso lar*, de Wagner de Assis; e *Minha vida na outra vida*, de Marcus Cole.



ROSI COM A FILHA, COM OS IRMÃOS SANDRA E ELIANNO E, ABAIXO, COM A MÃE, LUCI.

Um sonho - Ter uma vida tranquila e ver minha filha bem. Outro sonho é escrever um livro, onde eu possa falar de experiências, ideias, pensamentos e vivências que possam levar o leitor a um momento de reflexão.

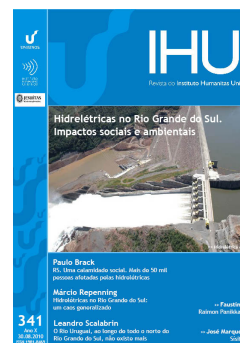
Nas horas livres - Adoro artesanato. Então, nas minhas horas de folga, eu caminho, leio e faço artesanato. Também gosto muito de praia.

Relação com Deus - Tenho muita fé e confiança em Deus, independente de qualquer doutrina. Ele está acima de tudo. Acredito que existe um caminho traçado, por isso que algumas coisas que queremos não se realizam. Tenho meus objetivos, mas sempre peço a avaliação d'Ele primeiro. Sou espírita praticante.

Unisinos - Uma porta para o mundo. Basta entrar aqui com clareza do que se quer. O simples fato de passar aqui por dentro modifica a vida das pessoas. Com a Unisinos, vemos que o mundo é muito maior do que se pode imaginar.

IHU - Um elo afetivo que une os diferentes públicos na Unisinos: alunos, funcionários, professores. É uma referência. Leio a revista sempre que posso, e reservo uma para um aluno que sempre vem buscar. Ele coleciona a IHU On-Line.

CONFIRA OUTRAS EDIÇÕES DA IHU ON-LINE NO ENDEREÇO WWW.IHU.UNISINOS.BR



Atualização diária das Notícias do Dia

A cada manhã as **Notícias do Dia** do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU são atualizadas. Notícias, artigos e entrevistas veiculadas na mídia do Brasil e do mundo e textos enviados por especialistas de diversas áreas do conhecimento, são colocados à disposição de milhares de leitores e leitoras do Brasil e do exterior. Sua leitura oferece subsídios fundamentais para os/as internautas ficarem sintonizados/as com os grandes temas da contemporaneidade. Para receber a Newsletter das **Notícias do Dia** em seu e-mail, basta preencher seu nome e e-mail no link Cadastre-se. Acesse www.ihu.unisinos.br.

Entrevista do Dia do IHU: exclusividade e dinamismo

Diariamente o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publica uma entrevista exclusiva e especial. Temas abordados nas **Notícias do Dia**, sempre atuais, instigantes e polêmicos, em pauta no Brasil e no mundo, são abordados e debatidos sob diferentes pontos de vista. Para acompanhar a **Entrevista do Dia** do IHU, acesse a página www.ihu.unisinos.br.



Um jesuíta no Império do Dragão

Padre Matteo Ricci (Macerata, Itália, 6-10-1552 — Pequim, 11-5-1610) foi um sacerdote jesuíta, missionário, cientista, geógrafo e cartógrafo renascentista italiano. É conhecido pela sua atividade missionária na China da dinastia Ming e considerado o fundador das modernas missões católicas na China, contribuindo, de modo decisivo, para a introdução do catolicismo na neste país. A edição 347 da Revista **IHU On-Line**, de 18-10-2010, teve como título *Matteo Ricci no Império do Meio. Sob o signo da amizade*, disponível para download em <http://migre.me/2Ke9Q>.

Valendo-se da trajetória emblemática desse missionário para debater a missão do Instituto Humanitas Unisinos - IHU dentro do contexto da Companhia de Jesus, será exibido em 16-12-2010, das 17 às 19h, o documentário *Matteo Ricci, um jesuíta no Reino do Dragão*. O local da exibição e do debate é a Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros. A direção do documentário é de Gjon Kolndrekaj.

Siga o IHU no



(http://twitter.com/_ihu)

E também no



(<http://bit.ly/ihufacebook>)

Apoio:

